



FACULDADE MARIA MILZA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA,
AFRICANA E INDÍGENA.

EUCLIDES ALVES DE CARVALHO JUNIOR

NECROMANCIA “A MALDIÇÃO DE CANAÃ” MITO DA HIERARQUIA RACIAL
NO ENSINO RELIGIOSO: ESCOLA POLIVALENTE DE CASTRO ALVES
(1970/1985).

CRUZ DAS ALMAS – BA

2011

EUCLIDES ALVES DE CARVALHO JUNIOR

**NECROMANCIA “A MALDIÇÃO DE CANAÃ” MITO DA HIERARQUIA RACIAL
NO ENSINO RELIGIOSO: ESCOLA POLIVALENTE DE CASTRO ALVES
(1970/1985).**

TCC-PAPER apresentado no curso de Especialização em História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena da Faculdade Maria Milza como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena.

Orientador: prof. Mestre Hamilton Rodrigues.

Coordenadora do Curso de Pós-graduação: Prof^a Dr^a Elizabete Rodrigues da Silva

CRUZ DAS ALMAS – BA

2011

**NECROMANCIA “A MALDIÇÃO DE CANAÃ” MITO DA HIERARQUIA RACIAL
NO ENSINO RELIGIOSO: ESCOLA POLIVALENTE DE CASTRO ALVES
(1970/1985).**

Euclides Alves de Carvalho Junior *

Hamilton Rodrigues **

O presente trabalho aborda a Necromancia “A maldição de Canaã” na Bíblia de Jerusalém reveladora da História acontecimento (discurso que veicula uma verdade) mas também ele mesmo: Mito da Hierarquia Racial no ensino Religioso da Escola Polivalente de Castro Alves-BA (1970/1985) discurso que é representação, construção (notas explicativas da Bíblia Católica de Jerusalém), e invenção de uma hierarquia entre as “raças”, justificando a escravidão do Negro(a) pela “Cor” da pele, como resultado de uma “Maldição”. As Escolas Polivalentes na Bahia, foram cópias das Escolas Polivalentes Americanas, oficializadas no Brasil pela LDB 5692/71, que regulamentava o Ensino Religioso na educação tecnicista. O resultado desta pesquisa, parte de uma abordagem qualitativa das fontes: documentos de arquivos, notas explicativas da Bíblia de Jerusalém, e da Bíblia de Genebra, tomando como pressupostos teórico-metodológico os conceitos e as perspectivas da História Nova, considerando as mudanças e permanências ocorridas no decurso do tempo, relativas a Ética Protestante. A Escola Polivalente de Castro Alves-BA, desse período (1970/1985), é fruto da ideologia de sustentação da política educacional, constituída pela teoria do capital humano e por correntes do pensamento cristão conservador. Pretendendo ser um trabalho de desconstrução do discurso racial relativo a inferioridade do negro(a).

Palavras-Chaves: Necromancia. “Maldição de Canaã”. Mito da Hierarquia Racial.

* Professor efetivo do Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves-BA, Licenciado em História, Pós-graduando em História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena, pela FAMAM. (Email: euclidesjunior95@hotmail.com).

** Profº Mestre Hamilton Rodrigues, UNEB e FAMAM.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	04
2. NECROMANCIA “A MALDIÇÃO DE CANAÃ” MITO DA HIERARQUIA RACIAL NO ENSINO RELIGIOSO: ESCOLA POLIVALENTE DE CASTRO ALVES (1970/1985).....	05
3. METODOLOGIA DO ESTUDO DE CASO NA HISTÓRIA E MEMÓRIA: NECROMANCIA “A MALDIÇÃO DE CANAÃ”, MITO DA HIERARQUIA RACIAL NO ENSINO RELIGIOSO: ESCOLA POLIVALENTE DE CASTRO ALVES-BA (1970/1985).	15
4. ESCOLA POLIVALENTE DE CASTRO ALVES-BA: UMA PROPOSTA CURRICULAR DE ENSINO RELIGIOSO E DE “ESPÍRITO” CAPITALISTA.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	
APÊNDICES	
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

“(…) Eu tenho um sonho: que um dia meus quatro filhos vivam num país onde não sejam julgados pela cor de sua pele, mas pelo seu caráter (…) livres finalmente graças a Deus todo poderoso, estamos livres finalmente”.

(Martin Luther King Jr.)

O motivo principal que me levou a escrever sobre este objeto de pesquisa: Necromancia “A Maldição de Canaã” Mito da Hierarquia Racial no Ensino Religioso: Escola Polivalente de Castro Alves (1970/1985). Foi a educação, que faz parte de meu cotidiano na referida escola da rede estadual de ensino.

E assim que definir como objetivo deste TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) para compreender sob a perspectiva da história, a confusão que fazem de uma interpretação Bíblica sob uma perspectiva racista, presente na contemporaneidade. Discurso que é uma representação, construção, pela Igreja Católica, aliada do Estado civil-militar no Ensino Religioso da referida Escola. Isto nos leva a uma **problemática: Qual seria evidência documental da Necromancia “Maldição de Canaã” Mito da hierarquia racial no ensino religioso da Escola Polivalente de Castro Alves-BA (1970/1985)?** Utilizando-se de uma metodologia qualitativa (Figura 2 pag. 18), através deste estudo de caso analisamos as afirmações dos padres católicos, através das referências da Bíblia de Jerusalém, através do método comparativo, com as últimas descobertas científicas nas referências da Bíblia de Genebra, assim analisamos as fontes primárias e secundárias com o quadro comparativo (Figura 1 pag. 17), elaborando assim o texto do Trabalho de Conclusão de Curso. Os capítulos estão organizados de acordo com o que a seguir descrevo: No primeiro capítulo, introdução, problema, objetivo e metodologia. No segundo capítulo, discuto com os teóricos a temática, procurando explicar o conceito de Mito de Cam/Canaã, defendido pela Igreja Católica, nesse período e denunciado pelo doutor Demétrio Magnoli, onde a Igreja Católica desconstrói mensagem da Bíblia para construir um dogma do mito da hierarquia racial e social explicado na posição do Dr. Nina Rodrigues, em sua exposição das raças negras descendente de Cam e as descendência de Sem, muito similar a posição do mito de Cam/Canaã da Igreja Católica com relação aos escravos. No terceiro capítulo – A metodologia para o estudo desse Caso na Memória e na História, baseado na relação entre a literatura e a História Cultural sob as

perspectivas da Nova História. No quarto capítulo – A localização da escola na cidade de Castro Alves e seu contexto cultural relacionada ao poeta Castro Alves. E no quinto capítulo, as considerações finais onde relato as conclusões obtidas. Compreender o contexto e o texto da criação e implantação do Mito de Cam/Canaã no ensino religioso, para reforçar a ideia de classes sociais através de uma hierarquia social, ocultando a verdade sobre o Negro e a Necromancia.

2 - NECROMANCIA “A MALDIÇÃO DE CANAÃ” MITO DA HIERARQUIA RACIAL NO ENSINO RELIGIOSO: ESCOLA POLIVALENTE DE CASTRO ALVES (1970/1985).

Foi depois do dilúvio... um viandante,

Negro, sombrio, pálido, arquejante,

Descia do Ararat...

E eu disse ao peregrino fulminado:

“Cham!... serás meu esposo bem amado...

Serei tua Eloá...”

(Castro Alves)

A Escola Polivalente de Castro Alves-BA (1970/1985), tinha como objetivo formação de trabalhadores, através do ensino profissionalizante, cópia da Comprehensive High School Norte-americana, foi oficializada no Brasil, pela lei 5.692/71, durante o regime militar Brasileiro, através dos acordos MEC-USAID (Ministério da Educação e Cultura e United States Agency for International Development, respectivamente).

Max Weber procurou responder essa questão acima, articulando conceitos da sociologia com a teologia protestante, para que o capitalismo fosse compreendido não em termos estritamente econômicos e materiais, mas como um “espírito”, isto é, uma cultura, uma conduta de vida cujos fundamentos morais e simbólicos estão enraizadas na tradição religiosa dos povos de tradição protestante puritana. Ética protestante e o “espírito” do capitalismo procura compreender o fenômeno: o maior desenvolvimento capitalista dos países de confissão protestante e a maior proporção de protestantes [negros (as) e/ou Brancos] entre os proprietários do capital, empresários e integrantes das camadas superiores de mão de obra qualificada. Assim, especificamente, procuramos desconstruir a interpretação equivocada da Bíblia sagrada de tradução católica, de que o Negro(a) é um ser amaldiçoado e destinado a ser escravo(a), uma releitura do livro sagrado protestante no ensino religioso legitimava o

negro(a) como sujeito histórico, desconstruindo assim o mito da “Maldição de Cam” referente a inferioridade dos afro-brasileiros na educação e no trabalho.

Este estudo compartilha da perspectiva ou visão daqueles que vêem o negro(a) como sujeitos históricos, desconstruindo o mito da “Maldição de Cam” que circulou em Curalinho, atual Cidade de Castro Alves – BA, reiteradamente nos séculos, XVIII e XIX para justificar o processo de escravidão. O Mito de Cam procurou explicar de certa forma a escravidão dos africanos, mais na verdade, justificou o elo entre a escravidão e “cor” da pele; mesmo na contemporaneidade a religião católica faz esta leitura no ensino religioso, fundamentado nas notas da Bíblia de Jerusalém, nos períodos (1970 / 1985), Conforme Bosi; (1992, Pags. 256, 257) diz que:

O tempo da origem: a danação de Cam

O destino do povo africano, cumprido através dos milênios, depende de um evento único, remoto, mas irreversível: a Maldição de Cam, de seu filho Canaã e de todos os seus descendentes. O povo Africano será negro e será escravo: eis tudo.

O poema [de Castro Alves] incorpora a versão mítica da origem do cativo que é relatado no livro de Gêneses. (...) alguns comentadores distinguem dois estratos na redação de Gêneses, 9, e lêem a menção a Canaã (“Malditos seja Canaã”) como uma substituição tardia de Cam, operada no texto quando as tribos de Israel conseguiram dominar os Cananeus no tempo do Rei Davi. As terras de Canaã, “filho de Cam”, viriam a ser enfim a pátria do povo Judeu; e os Cananeus seriam excluídos da salvação messiânica para castigo de seus pecados (de Luxúria, sobretudo), ao passo que os Hebreus receberiam de IAHWEH o direito de escravizá-los.

Mas até que ponto o texto bíblico no ensino religioso da escola Polivalente de Castro Alves na Bahia (1970/ 1985) é de fato fundamento da para comprovação de racismo, “Fundamentado na “Maldição de Cam”?”.

Nessa perspectiva, o presente trabalho pretende, em termos gerais contestar tal tipo de leitura nas notas explicativas do texto bíblico analisando a presença positiva e de destaque de pessoas negras na Bíblia. Especificamente, objetiva-se, reler o mito de Cam, verificando o contexto de sua redação, em vista:

- a) A refutação da idéia de que ele seja fundamento religioso para justificar a inferioridade da “Raça” Negra, por causa de sua “cor”, e para sua segregação.
- b) A compreensão de como tal mito e seu contexto pode, com outros tipo de leitura, como, a da Ética protestante e o “Espírito” do capitalismo, de MAX WEBER, colaborar para a constituição de espaço de resistência, na escola e/ou Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves-BA, e as implicações disso para a comunidade Negra na diáspora Brasileira. Para tanto, se faz necessário, em primeiro lugar, adotar uma nova postura frente aos textos bíblicos,

abandonando-se o fundamentalismo religioso e/ou preconceito que algumas correntes Historiográficas mantêm em relação a esse tipo de narrativa.

Conforme Alves (2007, pag. 112) diz que:

Cristo! Embalde morreste sobre um monte...
 Teu Sangue não lavou da minha fronte
 A mancha original.
 Ainda hoje são, por fado adverso,
 Meus filhos – Alimária do universo,
 Eu – Pasto universal.

Afirmção (Embalde = em vão [... o Sangue de Cristo?]) na poesia “**Vozes da África**”, de Castro Alves (Acadêmico de Direito, e membro da Loja Maçônica América – São Paulo 11/06/1868), no texto de sua obra: **Os Escravos**, uma leitura da maldição de Cam, no contexto da “filosofia Maçônica”, conforme Câmara (2009) e Ellis (2004). O mito da “Maldição de Cam”, narrada em um tempo mítico, permaneceu fora da História? A África, e os Afro-brasileiros, foram amaldiçoados para sempre?

Antes de tudo, é fundamental o esclarecimento do objetivo geral desse trabalho: Evidenciar a crença por parte da Igreja Católica Romana no mito da “Maldição de Canaã”, na construção da Hierarquia Racial no ensino religioso, que ao mesmo tempo legitimava o Estado-militar em associar educação e produção capitalista nas Escolas Polivalentes, nesse caso a Escola Polivalente de Castro Alves-BA, através da Lei 5692/71, que tornava obrigatório o Ensino Religioso Católico, Romano no período (1970 / 1985).

É importante destacar, que a fonte principal dessa pesquisa, está fundamentado no livro da Secretaria de Educação e Cultura: Diretrizes Curriculares para o Ensino Religioso, fundamentado na Lei de Diretrizes e Bases, Lei nº 5692/71, art. 7º paragrafo único: “O ensino religioso constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais do 1º e 2º graus. Cujo manual, esclarece como ler as citações Bíblicas na Bíblia de Jerusalém – Ed. Paulinas – São Paulo. Cuja avaliação dos alunos após a exposição Bíblica é.

Bahia (1995, pag.s 15 e 16) diz que, a função pedagógica da avaliação está indissolavelmente ligada à visão do processo educativo como um todo, numa relação entre a atividade, a ação proposta pelo professor e a resposta do educando. Avaliar, portanto, não é punir, coagir, medir o erro, mas situar-se naquela resposta. Baseando-se nos objetivos gerais da educação religiosa, o professor deverá estar atento ao tema que está desenvolvendo na classe a fim de verificar, através de avaliações diversificadas, até que ponto o aluno está respondendo às expectativas do ensino.

(...) Destacamos que a avaliação dos alunos de Ensino Religioso não tem cunho de reprovação, uma vez este componente curricular objetiva a integração entre família, escola e comunidade.

O texto em foco, é o de Genesis 9, versículo 24, 25, 26 e 27, cujo a nota explicativa dos padres católicos romanos, diz que Canaã será o objeto da maldição, Cam é o pai de Canaã, que é considerado culpado, a maldição do patriarca Noé fará com que todos os negros africanos, que são da descendência de Cam (Negro(a) escravo dos escravos, justificando a escravidão e inferioridade dos Negro(as), pela “cor” da pele preta.

Este conceito de mito da maldição de Canaã; está muito bem explicado no livro: **Uma Gota de Sangue – História do Pensamento Racial**, da editora contexto, o **Dr. Demétrio Magnoli, sociólogo e doutor em Geografia Humana**, que afirma:

Magnoli (2009, pag. 23) diz que, a Bíblia, com sua insistência na unidade essencial da humanidade, parecia impugnar a escravização de africanos, largamente praticada pelos europeus desde a colonização do Novo Mundo. Para circundar essa dificuldade, argumentou-se que os **escravos eram pagãos** ou, alternativamente, que Noé lançou a **maldição da escravidão sobre os descendentes de seu filho Ham, supostamente Negro**. Um passo a diante foi dado pela colônia inglesa da Virgínia, quando decretou, em 1667, que os convertidos ao cristianismo podiam ser mantidos na **escravidão em virtude do paganismo de seus Ancestrais**. (...) as primeiras teorias “científicas” sobre a divisão da humanidade em raças ofereciam uma resposta a esse dilema de profundas implicações econômicas.

Segundo Demétrio Magnoli, os proponentes da política racial, precisão do racismo para legitimar seu discurso, para ele, o racismo é a ideia de que há diferença hierárquica nas raças e essa teoria surge na imaginação científica no século 19, é a história do encontro do mito da raça com a política, segundo sua tese, o multiculturalismo contemporâneo recupera as premissas do pensamento racial do século 19, apenas substituindo a noção de diferenças naturais pela de diferenças culturais. Na doutrina multiculturalista, cultura é uma substância imanente aos grupos populacionais. Por essa via, o multiculturalismo enxerga cada nação como uma coleção de raças ou etnias. No lugar do contrato entre cidadãos, a doutrina propõe um contrato entre raças. Este é a posição de **Nina Rodrigues**, no seu livro: **Os Africanos no Brasil**, editora Madras, com relação ao valor social das raças e povos negros que colonizaram o Brasil e seus descendentes:

Nina Rodrigues (2008, pags. 236 e 237) diz que,
I – Os dados e documentos reunidos neste trabalho permitem distribuir em um quadro as raças e povos africanos de cuja introdução no Brasil há provas certas e indiscutíveis:

1. **Camitas** Africanos: Fulás (Berberes (?), Tuargs (?).
Mestiços **Camitas**: Filanins, pretos – fulos.
Mestiços **Camitas** e Semitas: Bantos orientais.
2. Negros Bantos:

- a) Ocidentais: Cazimbas, Sdcheschés, Xexys, Auzazes, Pximbas, Tembos, Congos (Martius e Spix), **Cameruns**.
- b) Orientais: Macuas, Anjicos (Martius e Spix).
- 3. Negros Sudaneses:
 - a) Mandês: Mandingas, Malinkas, Sussus, Solimas.
 - b) Negros da Senegâmbia: Yalofs, Falupios, Sêrêrês, Kruscacheu.
 - c) Negros da Costa do Ouro e dos escravos: Gás e This: Achantis, Minas e Fantis (?) Jejes ou Ewes, Nagos, Beins.
 - d) Sudaneses Centrais: Nupês, Haussãs, Adamauás, Bornus, Guruncis Mossis (?)
- 4. Negros Insulani: Bassós, Bissau, Baixagos (...) nessa apreciação, com convicção deixamos de lado as discussões insolúveis sobre a natureza e espécie da inferioridade da raça negra.

Este foi a época Áurea do racismo científico. Nesse período, três escolas dominavam o cenário das teorias racistas. 1) Escola Etnológico – Biológica, que afirmava que a pressuposta superioridade da raça branca se evidenciava nas diferenças físicas (Medidas cranianas, estruturas do esqueleto, etc.) em relação as outras raças. Nessa escola a antropologia física pretensamente fornecia a base científica de suas afirmações.

2) Escola Histórica-cultural, que defendia que as raças estavam em diferentes estágios civilizatórios, sendo que a raça branca, mais propriamente os anglo-saxões, estava na vanguarda do processo de civilização. 3) Escola Darwinista social, que defendia que na marcha evolutiva para formas superiores de vida natural apenas os mais aptos sobreviveriam, num processo de seleção natural. Assim, as raças superiores predominariam enquanto as inferiores definhariam e por fim desapareceriam. Nesse esquema a hereditariedade era mais importante que a educação. Essas três escolas do pensamento racista influenciaram sobretudo, a Educação Religiosa da Escola Polivalente no Brasil, e por consequência a Escola Polivalente de Castro Alves-BA, no período do Ensino Religioso obrigatório, na LDB 5692/71.

A explicação de como esse mito criador de hierarquia foi reforçado por preconceitos ou mesmo discriminação racial, seja como interpretação histórica da Bíblia (Genesis 4, 1-24), seja como trajetória do ensino religioso em sala de aula na Escola Polivalente, é citado por Leila Leite Hernandez, quando ela explica a presença do referido mito em Ruanda, onde se acreditava que os Tútsis eram descendentes diretos de Sem, e por isto “superiores”, já os Hutus e os Tuas, por serem “filhos” do amaldiçoado Cam, eram “inferiores”.

Hernandez (2008, pag. 422) diz que, estudiosos do Islamismo e do cristianismo nas regiões do Congo e seus territórios a leste, argumentam que o mito de origem de Ruanda é o **Mito de Cam**, presente tanto na tradição islâmica como na Cristã, e na primeira metade do século XIX, em todo o Vicariato da África Central, criado pelo Papa Gregório XVI e que se estendia da Argélia à Abissínia, abrangendo as Áfricas Ocidental e Central. Afirmam, inclusive, que as confrarias muçulmanas, de grande

influencia política no Norte do Sudão, justificavam a escravização dos povos do Sul pelo **Mito de Cam**, também presente na discussão dos Juristas. Há fortes indícios da presença, a partir de 1870, de Cristãos (Missionários Católicos, inclusive Alemães) encaminhados para a África Central e para a região de Ruanda, contribuindo para que se espalhasse o **Mito de Cam**, em especial para combater a maldição dos povos submetidos.

Isto prova que a ligação de Cam com a África Negra estava longe de ser desconstruída, e por isto aceito por todos como um fato evidente. Os múltiplos usos desse mito mostra como é fácil justificar o injustificável: o cristianismo como legitimação do poder racial, aprovado pelo Papa o seria por Deus?

No livro de I SAMUEL, está um fato histórico relatado na Bíblia sagrada (Em comum a Bíblia de Jerusalém e na bíblia de Genebra) que é a chave-mestra da problemática desse trabalho acadêmico:

Qual seria a evidência documental da “maldição de Canaã” a necromancia, mito da hierarquia racial no Ensino Religioso da Escola Polivalente de Castro Alves – BA (1970/1985)?

O livro de I Samuel, registra acontecimentos do nascimento de Samuel até a morte de Saul, abrangendo o período do 115 anos, aproximadamente 1171-1050 A.C.

O livro de Samuel é uma espécie de transição, é o registro da passagem do governo de Israel de Juízes para Reis, e da passagem do Governo de DEUS (TEOCRACIA) – Rei invisível – ao governo de um REI VISÍVEL (MONARQUIA):

Saul consulta uma **Necromante** de En-Dor – **Então disse Saul aos seus servos: Eis que em En-Dor há uma mulher que é Necromante. Então Saul se disfarçou, vestindo outro trajes ; e foi ele com dois homens, e chegaram de noite a casa da mulher. Disse-lhe Saul: Peço-te que me adivinhes, pela Necromancia, e me faças subir aquele que eu te disser. (...) Vendo, pois; a mulher a Samuel, gritou em alta voz, e falou a Saul, dizendo: Por que me enganaste? Pois tu mesmo és Saul. Ao que o rei lhe disse: Não temas; que é que vês? Então a mulher responder a Saul: Vejo um Deus que vem subindo de dentro da Terra. (Bíblia – I Samuel Cap. 28 Vers. 7-8;12-13).**

Sobre isto, TOKUNBOH ADEYEMO, e 70 Eruditos Africanos nos fazem um comentário:

Adeyemo (2010, pa.375) diz que, esse tipo de consulta mediúnica era comum na palestina e no Oriente Médio, e continua comum na África, onde os espíritos ancestrais são invocados em momentos de dificuldade por aqueles que buscam obter informações sobre o futuro. Esses espíritos consultados são demônios, mas geralmente assumem a forma de algum parente ou pessoa conhecida com o intuito de oprimir e exigir sacrifícios. (...) Entretanto, a Bíblia proíbe severamente qualquer

tentativa de consultar os mortos (DT18:9-14). Deus é o único espírito a quem devemos consultar.

São os espíritos familiares da antiga feitiçaria, o povo de Israel foi proibido por DEUS, sob pena de morte, de ter qualquer comunicação com espíritos familiares, como os cananeus e outros povos pagãos costumavam fazer (Levítico 20:6,27; Deuteronômio 18:10,11).

Mais o que é a Necromancia, a “Maldição de Canaã”, e o que tem haver com o mito da Hierarquia Racial no Ensino Religioso, ministrado pela Igreja Católica Romana na escola Polivalente de Castro Alves – BA (1970-1985), período da revolução de 1964, quanto o ensino religioso era obrigado pela LEI 5692/71, no programa escolar?

No dicionário brasileiro Globo, de autoria de Francisco Fernandes: **Necromancia, s.f.** Suposta arte de adivinhar pela invocação dos mortos. (Do gr. Nekros + Manteia). **Necrolatria, s.f.** Cultos dos mortos. (Do gr. Nekros+ Latreia). Assim, está claro que a palavra **Necromancia** é um termo que etimologicamente advém do Grego: “Morte” (**NECRO**) e “Adivinhação” (**MANCIA**). É, portanto, uma pratica, da **Teologia Espírita** onde o necromante (Pessoas de “Raça” branca, preta ou amarela) se comunica com os mortos (Pessoas de “Raça” branca, preta ou amarela) para fins de adivinhação (Falsas Profecias).

Mas depois desta explicação, voltamos a nossa problemática: **Qual seria a evidência documental da “Maldição de Canaã” a Necromancia, mito da hierarquia racial no ensino religioso da escola Polivalente de Castro Alves-BA (1970/1985)?**

Analizamos as notas explicativas da Bíblia de Jerusalém, a respeito do texto nas paginas 461 e 462 a respeito de Saul (descendente de Sem) e a feiticeira de Endor (descendente de Cam) em Canaã, atual estado de Israel:

Bíblia (1985, Pag. 461 e 462) diz que, (...) a necromancia era praticada em Israel (2 Rs. 21:6; Is. 8:19, embora fosse proibida pela Lei (Lv. 19:31; 20:6.27); Dt. 18:11, e aqui mesmo, V. 9). Enquanto o narrador parece partilhar a crença popular na aparição de espíritos, embora considerada a invocação deles como ilícita, os Padres da Igreja e os comentadores se preocuparam em dar uma explicação do fato: intervenção divina, intervenção demoníaca, charlatanice da mulher. Pode-se admitir que a cena ia ser como as sessões desse gênero, com credulidade por parte de Saul e Charlatanice por parte da mulher, mas que Deus permitiu á alma de Samuel que se manifestasse verdadeiramente (donde o susto da mulher) e que anunciasse o futuro (CF. 1 Cr. 10,13[LXX]; Ecl. 46:20). Pode-se crer mais simplesmente, que o narrador utilizou essa encenação para exprimir mais uma vez a rejeição de Saul e sua substituição por Davi (...) a mulher conhece o

relacionamento que Samuel teve com Saul. Se, para seu grande assombro, o profeta defunto se manifesta, é porque o consulente é o Rei de (Israel) em Hebr. Um “Elohim”, um ser sobre – humano (Cf. Gn. 3:5; Sl. 8:6).

Só aqui aplicado aos mortos. G) Ele sobe do Xeol, a moradora subterrânea dos mortos (CF . Nm 16:33+). H) no Xeol, morada comum de todos os mortos bons ou maus (CF. Nm 16:33+). (Bíblia – I Samuel 28).

É importante fazermos a seguinte observação: Elohim (Palavra Hebraica, citada na nota acima) é o plural de Eloah. Esse nome no singular ocorre apenas 57 vezes no velho Testamento, ao passo que no plural ocorre 2.498 vezes. Esse substantivo vem do verbo Hebraico Alá, e significa “ser adorado”, “ser excelente, temido e reverenciado”. Deus é apresentado pela primeira vez na Bíblia com esse nome em gêneses 1.1: “No principio criou Deus (Elohim, no Hebraico) os céus e a terra”. O nome Elohim aparece 2.555 vezes no Velho Testamento em **245 lugares não se refere ao Deus verdadeiro, Deus de Israel**. Aparece se relacionando com divindades pagãs individuais apenas 20 vezes.

- a) Com relação ao deus **Baal**, 4 vezes (Jz. 6:31; I Rs. 18:24, 25, 27);
- b) Com relação a **Baal Berit**, 1 vez (Jz. 8:33).
- c) Com relação a **Quemós ou Camos**, 2 vezes (Jz. 11:24; I Rs. 11:33);
- d) Com relação a **Malcan ou Milcom** 1 vez (1 Rs. 11:33);
- e) Com revelação a **Dagon**, 5 vezes (Jz . 16: 23-24; I Sm. 5:7);
- f) Com relação a **Astarote**, 2 vezes (1 Rs. 11.5:33), mas “**Astarote**” é um nome que já está no plural, então gramaticalmente **Elohim** concorda com esse nome;
- g) Com relação a **Baal Zebube**, 4 vezes (2 Rs . 1. 2-3, 6 ,16);
- h) Com relação a **Adrã-Meleque**, 1 vez (2 Rs. 17:31), como o texto fala de dois deuses, o nome só poderia mesmo estar no plural);
- e) Com relação a **Nisroque**, 2 vezes (Rs. 19:37, Is. 37:38).

Para a Teologia Espírita - Necromancia (Maldição de Canaã), o seu deus ou os seus deuses, significava (m) o que o Deus de Israel representava para o povo Hebreu, essas divindades representavam para os Pagãos, esta é a justificativa do emprego de Elohim (plural) a uma divindade pagã individual. Este comentário exegético e explicativo é para esclarecer a posição, por exemplo, de Don José Maria Pires – João pessoa /PB, na revista de Cultura Afro-Brasileira; (2011, Pag. 20 no artigo: **O Deus da vida nas Comunidades Afro-Americanas – revista: Candomblés – cultos de nação. Ketu. Bantu. Jeje. Oyó-jeje. Ijexá. Cabinda.**

Nagô – nº 1 Ed. Minuano – www.edminuando.com.br). Quando ele diz representando a Igreja Católica Romana.

Pires (2011, Pag. 20) Diz que, Monoteísmo – Teólogos e Pastores prestariam bom serviço às comunidades cristãs se as ajudassem a entender que não há politeísmo na cultura religiosa, Africana. Os negros vindos da África não eram politeístas. Acreditavam em um ser supremo, criador de tudo. Que os povos de cultura Nagô-Yorubá o chamem com o nome de Olorum (O inacessível) como os Hebreus o Denominaram Elohim, que os bantos o chamem de Nzambi (aquele que diz e faz) ou Kalunga (Aquele que Reúne) os Pamba ou Maúnda como os gregos o denominaram Theos, ou nós o chamamos Deus e os Indígenas Tupã, ele é sempre o supremo, o inatingível, senhor do céu e da terra.

Isto não é verdade, pois existem evidências de práticas que contestam esta declaração dos padres católicos. Segundo vários autores, entre eles Reis (2008) Nina Rodrigues (2008), os membros de um terreiro de Egum formam uma sociedade secreta masculina. Cada uma destas sociedades possui um local e uma organização própria. Devido ao fato de todos os sacerdotes do território de Egum serem iniciados em um segredo comum, isto os torna membros de uma maçonaria que faz que todos eles irmãos. Quanto mais tradicional o **Candomblé**, menos admite a manifestação pública e corriqueira de Eguns (representam ancestrais coletivos, aqueles classificados como Baba Egum ou Egum Agabá, é excepcionalmente temido, é chamado Onidã, proprietário do Idã, poder sobrenatural, enquanto que os Eguns Agbá representam os ancestrais de famílias importantes, os Apaaraká são os Espíritos novos, cujos ritos não foram completados. São incapazes de falar e dependem dos Baba Agba para se comunicarem) que cultuados, como rituais específicos. Já a Umbanda, um misto de religião Ancestral indígena com Orixás do Candomblé, doutrina espírita e mestre católico, praticante só trabalha com os espíritos dos mortos. Dentre esses espíritos são cultuados os Caboclos (Indígenas), pretos velhos (Antigos escravos) crianças (espíritos infantis evoluídos) e os Exus (espíritos infantis evoluídos) e os Exus (Espíritos sem luz, alguns em início de evolução). Egum do povo Nagô, cultuado no terreiro Ilê-Agboula, localizado, como terreiro Ilê-Oya, na ilha de Itaparica, na Bahia, Egum de um modo geral é a denominação que recebe o espírito do morto, e mais especificamente do ancestral já posicionado no mundo astral (o Orum) esses espíritos são “controlados” através de rituais, e em tais ocasiões voltam à terra (o Ayé) para aconselhar e proteger seus descendentes ou seguidores. Sabe-se que os Nagôs e outros povos da África ocidental trouxeram para o Brasil, como resultado do tráfico de escravos, a religião que deu origem ao **Candomblé**. Mas não é no candomblé que se cultuam os Eguns. Pelo contrario: as almas dos mortos são temidas. Segundo o candomblé, Iansã é o único orixá que tem poderes sobre eles. Normalmente

auxiliada por Ogum, segundo os mitos africanos, ela evita que os espíritos dos mortos se desgarrarem e venham perturbar os vivos. Mas segundo o dicionário e enciclopédico da Bíblia, organizado por Dr. A. Van Den Born:

Born (1977, Pags. 1037, 1038) Diz que, a **Necromancia, ou evocação dos mortos** Supõe a crença de se poder entrar em contato com os falecidos e de esses não apenas poderem comunicar alguma coisa a respeito do estado em que se encontram, mas também aconselhar os vivos em problemas difíceis. Na Babilônia a necromancia era a tarefa de uma classe especial de sacerdotes, também os egípcios (Cf. Is: 19,3) e Gregos praticavam a Necromancia (...) conforme Dt . 18:11 a Necromancia era na sua origem um **costume Cananeu**. (...) em 1 Sam. 28:13 a pitonisa de Endor finge ver o “Espírito” de Samuel; Saul porém, não vê nada, mas ouve uma voz e julga falar com Samuel. (...) A Necromancia era proibida pela Lei (Lev. 19:31; Dt. 18:11) . Quem a ela recorresse, Deus o cortaria do meio do seu povo (Lev; 20:6); segundo 1 Crôn. 10:13 foi esta uma das causas da perdição de Saul. Evocadores de mortos deviam ser apedrejados (Lev. 20:27; 1 Sam. 28:3-9; 2Rs. 23:24). Pois esse costume era um atentado contra a soberania de Javé, porquanto se procurava saber dos mortos o que ele mantinha secreto (1 Sam. 28), ou por que rejeitava uma palavra D’ele, preferindo uma resposta vinda dos infernos (Is. 8:18) por isso Dt. 18:11 chama a necromancia uma abominação aos olhos de Javé, e Lev. 20:6 a considera como. Apostasia (“Fornicação”, Cf. 1 Crôn. 10:13) tornando impuro o Israelita (Lev. 19:31).

A construção nas notas explicativa da bíblia de Jerusalém, feita pelos padres católicos romanos da ‘maldição de Canaã sob uma perspectiva racista, e não espiritual, isto é ocultando a prática da necromancia, como realmente, nos mostra a evidência documental, na verdade, é um discurso sobre o negro pautado no paradigma da determinação biológica e cultural da superioridade europeia, na media em que ele recebe confluência dos ideológicos e teóricos do mesmo.

O dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento, assim explica o termo em Hebraico antigo e Cananeu: Necromancia.

Harris (1998, Pag. 134) diz que, (ASHSHĀP) **astrólogo, encantador, exorcista, prestigiador, necromante**. A palavra ASHSHĀP, que descreve uma variedade de ocultistas, aparece tanto no Hebraico como no aramaico. Na forma aramaica a letra do meio não é duplicada. Todas as ocorrências estão no livro de Daniel (...) o termo assírio ASHSHĀP tem o mesmo significado.

Esclarecendo o verdadeiro posicionamento da Bíblia através da problemática: **Qual seria a evidência documental da “Maldição de Canaã” a necromancia, mito da hierarquia racial no ensino religioso da escola Polivalente de Castro Alves – BA (1970/1985)?**

A análise crítica literária e historiográfica do discurso racista da referência para o ensino religioso da escola pública e profissionalizante polivalente da cidade de Castro Alves-

BA, fundamentada não no texto Hebreu mais nas notas explicativa dos padres, propõe uma Hierarquia racial, reinventando uma interpretação dogmática e eurocêntrica, do qual propomos uma desconstrução, mapeando as condições de sua existência, para deste modo entendê-lo, não só como revelador da história acontecimento (**discurso que veicula uma verdade**) mais também, **ele mesmo, acontecimento histórico (discurso que é representação, construção) no ensino religioso obrigatório na escola Polivalente de Castro Alves – BA, no período da revolução de 1964 (1970/1985).**

Os sujeitos do discurso (teólogos católicos) escondem-se atrás do narrador onisciente (que tudo conhece) e, através dele, delegada, por sua vez, voz ao negro, ocultando-se da narrativa da qual temos a impressão de contar-se a si mesma, narrada no passado torna-se mais verídica, independentem, ou apenas dificultam, a nossa percepção de que está voz do negro não passa de uma construção discursiva. Em outros termos, impede-nos de ver que a voz do negro é filtrada pela linguagem racista dos autores das notas explicativas, pela sua subjetividade.

Análise crítica literária revela ainda, como o texto da “maldição de Canaã” um pernicioso processo de diferenciação racial e não de Teologia Espiritual, como o discurso e a prática da necromancia entre brancos e negros. Processo de diferenciação baseado na inferioridade do segundo em relação ao primeiro. A necromancia e seus rituais de magia, é somente para demonstrar a incapacidade do negro assimilar a religião judaico-cristã pelo fato do negro ser desprovido do pensamento abstrato, ou, quando referimos a língua hebraica, língua afro-asiática, é para demonstrar a complexidade da estrutura da mesma. Assim esse mapeamento serve para mostrar o poder capturador e narcotizante do discurso racista dos padres católicos romanos, na medida em que este trabalho desmascara os expedientes linguísticos e literários de criação da ideia de neutralidade e objetividade analítica do mesmo, funcionando no sentido de construir uma “verdade” sobre o negro brasileiro.

3. METODOLOGIA DO ESTUDO DE CASO NA HISTÓRIA E MEMÓRIA: NECROMANCIA “A MALDIÇÃO DE CANAÃ”, MITO DA HIERARQUIA RACIAL NO ENSINO RELIGIOSO: ESCOLA POLIVALENTE DE CASTRO ALVES-BA (1970/1985).

A interconexão entre História e Literatura Religiosa tornou-se uma questão de ponta da nova História Cultural. A história acontecimento (Necromancia “a maldição de Canaã”), discurso que veicula uma verdade Bíblica e o discurso que é representação, construção (mito

da hierarquia racial no ensino religioso: Escola Polivalente de Castro Alves-BA (1970/1985), ele mesmo acontecimento histórico no período citado.

Desconstrução discursiva operada por meio da crítica literária de cunho histórico/social assentada na perspectiva histórica, da dialética forma/conteúdo da notas explicativas da Bíblia católica de Jerusalém como fator de recriação dos padres, tornando-se elemento principal do ensino religioso. A teoria educacional visa à formação do homem integral, ao desenvolvimento de suas potencialidades, para torna-lo sujeito de sua própria história e não objeto dela.

Em entrevista para este trabalho acadêmico com o ex: aluno de ensino religioso da Escola Polivalente de Castro Alves-BA, no período de 1981 e 1985, Gamaliel Brito Santana, (texto integral na apêndice desse TCC) Ele afirmou:

Santana (2011, pag. 1) diz que, (...) estudei na Escola Polivalente de Castro Alves no período de 1981 a 1986. A diretora na época era a Senhora Maria da Conceição Ribeiro conhecida popularmente como “Babia”. Minha professora de ensino religioso foi a irmã Penha Ex-freira Católica.

Não conheci nenhum currículo de ensino religioso com indicações Bíblicas. O ensino era voltado para a catequese ligado ao catolicismo, muitos alunos evangélicos eram liberados das aulas outros assistiam, mas não gostavam.

As duas [a diretora e a professora de ensino religioso] eram voltadas para atender aos interesses do catolicismo: Rezava-se o Pai Nosso, a Ave Maria e se falava muito sobre o Papa. Lembro-me de como a irmã Penha falava sobre o encontro do Vaticano II e dos irmãos separados que eram os Evangélicos, ela também falava muito de Ecumenismo.

Conheço [o Mito Racial, conhecido como Mito de Cam]. Fiquei conhecendo lendo livros e debates na igreja, na verdade o mito de Cam é uma má interpretação da Bíblia, (...).

Todas as afirmações do ex-aluno, Gamaliel Brito Santana; constitui uma tentativa de Reinterpretar o ensino religioso desse momento histórico na Escola Polivalente de Castro Alves-BA (1970/1985) à luz da problemática. (figura nº 2).

A possibilidade metodológica desse trabalho é da história-problema, isto é, estreitamente a reconstrução do tempo histórico produzido pela Escola dos Annales:

Qual seria a evidencia documental da Necromancia “A maldição de Canaã”, mito da hierarquia racial no ensino religioso da Escola Polivalente de Castro Alves-BA (1970/1985)?.

Tudo isto é analisado, através do quadro comparativo (figura nº 1) das fontes bíblicas do “Mito de Cam” para uma conclusão final sobre o tema.

QUADRO COMPARATIVO DAS FONTES BÍBLICAS DO “MITO DE CAM”	
Notas explicativas na Bíblia católica de Jerusalém: Leitura – A) pag. 43 e 44.	Notas explicativas na Bíblia protestante de Genebra: Releitura – B) Pag. 23
<p>(...) Cam não será mais mencionado e Canaã será objeto da Maldição dos VV. 25-27; ele deve, pois, ser culpado. (...) A situação histórica seria a do reinado de Saul e do começo do reinado de Davi, ocasião em que israelitas e Filisteus dominavam sobre Canaã, e os Filisteus tinham invadido uma parte do território de Israel. Muitos dos padres [papas católicos] viram aqui o anúncio da entrada dos gentios (Jafé [raças arianas e indo-europeias]) para a comunidade cristã saída dos Hebreus (Sem). (...) Os filhos de Cam, os países do Sul: Egito, Etiópia, Arábia e Canaã lhes é ligado em lembrança da dominação Egípcia sobre esta região.</p>	<p>(...) Como Cam, o filho mais novo de Noé, agiu erra para com seu pai, a maldição recai sobre o filho mais novo de Cam (v. 24) que compartilha sua decadência moral (Lv 18.3); Dt. 9.3). ainda mais os descendentes de Cam incluem, em edição aos cananeus, os nomes dos inimigos mais terríveis de Israel: Egito, Filistia, Assíria e Babilônia (10.6-13) (...) visto que esta maldição da servidão cai sobre Canaã, um caucasiano, não há fundamento para o ponto de vista racista de que os povos africanos são amaldiçoados.</p> <p>(...) com a vinda do messias [Jesus Cristo] e da nova aliança, a promessa da aliança é estendida a todos os crentes [negros ou brancos, etc.] (At. 10.34-35; Gl 3.29).</p>

Figura Nº 1: Quadro comparativo das notas explicativas da Bíblia Católica e protestante, sobre “o mito de Cam”.

Fonte: Adaptado da Bíblia de Jerusalém, e da Bíblia de Genebra, pelo autor, Euclides Alves de Carvalho Junior, 2011.

Esta evidente que, a justificação da escravização, bem como a inferioridade dos Povos Negros não tem fundamento pura e simplesmente no texto bíblico, mas no uso e na forma que ela foi e é interpretada.

Conseqüentemente, ele pode ser instrumento para se justificar a escravidão, como para se promover a emancipação e libertação humana.

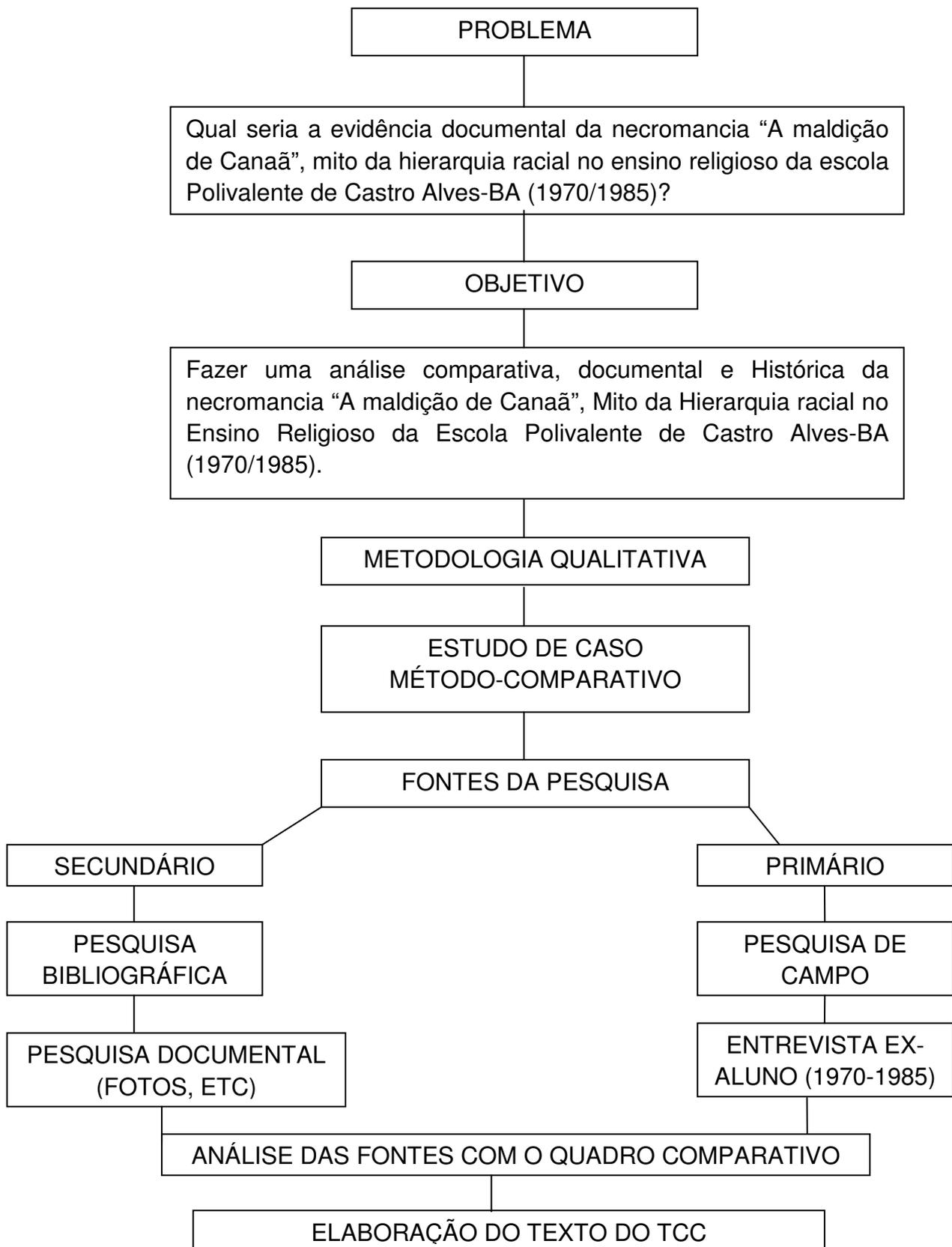


Figura nº 2: Problema, objetivo e metodologia do TCC.
 Fonte: Elaborado, pelo autor Euclides A. C. Junior, 2011.

Em outras palavras, o que determinará o uso da Bíblia é o ponto de vista de sua abordagem, ou seja, a forma pela qual ela é lida e interpretada. Uma releitura, pode ser feita a partir, da visão de Max Weber, no seu livro: *Ciência e Política – duas Vocações*, ed. Martin Claret.

Conforme Weber (2001, pags 17,18) diz que:

(...) Mas a ideia da predestinação protestante [de Negros ou Brancos] tornou possível conciliar a orientação ultramundana religiosa com o êxito econômico, ao considerar que este era um sintoma de predestinação. Esta interconexão originaria entre as instituições do capitalismo e a ética protestante e tal que, na situação norte-americana, Weber afirmou (...) a única coisa que Weber afirmou a partir do seu pluricausalismo metodológico é que uma das causas certas numa análise das origens do capitalismo tinha de ser a ética das seitas protestantes e que sem ela, sem o seu ingrediente, não se teria produzido o capitalismo, como efetivamente não se produziu noutros contextos de condições materiais similares, tanto ou mais avançadas que as ocidentais, como na China ou na Índia. (...) O único caminho viável é para Weber o processo de racionalização (que para ele significa sobretudo seguir uma lógica instrumental de meios a fins) em que os meios estejam adequados aos fins, representados, sobre tudo, pela ciência (grifo nosso).

Assim, afirmamos com o grifo, que a Bíblia, era, enquanto livro sagrado, objeto de leitura, estudo e interpretação restrita a sacerdotes, por muitos séculos fomos levados a aceitar as explicações dadas por tais especialistas que estudavam sob o ponto de vista eurocêntrico, cristão, branco, católico ou protestante, na maioria das vezes associados aos interesses mercantilistas do século XVI, e de forma intencional e racista, selecionaram e se valeram de alguns trechos bíblicos para a escravização do povo Negro, condenando a “cor” da sua pele, a sua cultura e religiosidade, associando-as, mesmos sendo protestantes, ao mal e ao diabólico.

A possibilidade metodológica desse artigo é da História-problema, isto é, estreitamente a reconstrução do tempo histórico produzido pela Escola dos Annales: **Qual seria evidência documental da Necromancia “Maldição de Canaã” Mito da hierarquia racial no ensino religioso da Escola Polivalente de Castro Alves-BA (1970/1985)?**

Para os Annales, “sem problema não há História”. Dito de outra maneira é o problema e não a documentação que está na origem da pesquisa, isto é, sem um sujeito que pesquise, sem o Historiador que procura respostas para questões bem formuladas, não há documentação e não há História (Goff, 1998).

A partir da posição do problema, o Historiador distribui suas fontes atribui-lhes sentido e organiza as séries de dados que ele terá construído. O texto Histórico é o resultado de uma narração objetivista de um processo exterior organizado em si pelo final.

A pesquisa é feita pelo problema que a suscitou, o problema vai guiar na seleção dos:

1. Documentos (Ex: textos bíblicos, notas explicativas dos textos bíblicos, feitas pelos religiosos no período do ensino religioso na Escola Polivalente de Castro Alves, diretrizes curricular do Ensino Religioso do Estado, Lei 5691/71, etc.).
2. Construção das séries de eventos relevantes para a construção das hipóteses: **Qual seria evidência documental da Necromancia “Maldição de Canaã” Mito da hierarquia racial no ensino religioso da Escola Polivalente de Castro Alves-BA (1970/1985)?**

Fundamentado, no que diz Jacques Le Goff, no seu livro – A História Nova.

Goff (1998, pag. 28) diz que,

(...) A História nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um exvoto são, para a história nova, documentos de primeira (...).

Documentos referentes á vida cotidiana das massas anônimas, à vida produtiva, as suas crenças coletivas, os documentos não são mais ofícios, cartas, editais, textos explícitos sobre a intenção do sujeito, mas listas de presos, de salários, séries de certidões de batismo, óbito, testamentos, inventários. Ou seja, a documentação involuntária é prioridade e em relação aos documentos voluntários e oficiais. Todos os meios são tentados e oficiais. Todos os meios são tentados para se vencer as lacunas e silêncios das fontes. Assim os Annales foram engenhosos para inventar, reinventar ou reciclar fontes históricas. Eles usavam escritos: a) psicológicos, b) orais, c) estatísticos, d) musicais, e) literários, f) poéticos e g) religiosos.

Sendo assim, percebemos que o negro (a) tem valor, como capital humano, na ótica da filosofia da Escola Polivalente, e que a história Judaica-cristã da salvação não pode ser usada como justificativa para se gerar a opressão, a escravidão e morte de nenhuma pessoa negra ou povo negro. Com essa releitura da “Maldição de Cam”: Discurso da ética protestante na Escola Polivalente de Castro Alves-Bahia (1970/1985), uma nova forma de interpretar a Bíblia redescobriu-se, fez-se renascer e para ter voz muitas pessoas negras, mulheres, que foram silenciadas, ocultas pela leitura tradicional romana da Bíblia, que era racista de fato. Pessoas que, embora muitas sejam anônimas naquelas narrativas, desempenharam papeis de vanguarda no processo de libertação dos regimes opressores e que contribuíram, decisivamente, para a constituição do que as tradições religiosas judaicas e cristãs chama de

Povo de Deus e ou de Israel. Dentre os quais destacamos: Zípora – Cuxita esposa de Moisés, e Simeão, chamado “Negro”: Atos 13:1 – “Ora na Igreja em Antioquia havia profetas e mestres, a saber: Barnabé, Simeão, chamado Niger (=Negro), Lúcio de Cirene, Manaem, Colaço de Herodes, o tetrarca, e Saulo”. Obs. Simeão, por sobrenome Niger, significa “Negro” em Latim, ele pode ter vindo da África.

Mais especificamente destacamos no **Velho Testamento**:

a) Jeremias 13:23- diz que: “Pode, acaso, o etíope (em hebraico: Negro) mudar a sua pele ou o leopardo, as suas manchas? Então, poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal”.

b) Jeremias 38:12 – diz que: “Disse Ebede –Meleque, o etíope (Negro), a Jeremias: Põe agora estas roupas usadas e estes trapos nas axilas, calçando as cordas; Jeremias o fez”. E assim o etíope (negro, em Hebraico) salva o profeta Jeremias da Cisterna.

E no **Novo Testamento**:

c) Atos 8:27,37 – Diz que: “Eis que um Etíope (Negro), eunuco, alto oficial de Canoaça, Rainha dos Etíopes (negros), o qual era superintendente de todo o seu tesouro, que viera adorar em Jerusalém, (...).

Ao ler a Bíblia, a partir da nossa realidade como afrodescendentes, indagamos então: por que não temos conhecimentos de personagens negros e negras no Ensino Religioso da Bíblia? Qual o papel dos povos da África negra na formação do Povo de Israel, se os últimos sempre recorriam ao Egito e à Etiópia nos momentos de dificuldade e mantinham estreitas relações políticas comerciais e até religiosas? Se há um mundo diferente de respeito as diferenças e de dignidade humana para todas as pessoas, ele deve ser construído e experimentado na dimensão material da vida, superando o estado de segregação, escravização e de morte que os povos negros vivem atualmente.

Com base, nos fatos Bíblicos relatados nos Salmos é necessário uma releitura do mito de Cam sob a perspectiva da negritude e uma desconstrução das interpretações tradicionais católica romana, na intenção de:

- a) Encontrar personagens bíblicos negros;
- b) Verificar o lugar que esses personagens ocupam historicamente no texto Bíblico;
- c) Ler narrativas que contribuam para a elevação da autoestima e dignidade da pessoa negra e que possibilite a superação do quadro de exclusão estabelecido pela tradição de leitura e interpretação Bíblica do ponto de vista Europeu, Branco e fundamentalista.

Assim, seria a releitura do Mito da “Maldição de Cam”: discurso da ética protestante na Escola Polivalente de Castro Alves-Bahia, discurso este legitimado pela **Constituição**

Federal de 1969, no capítulo IV, art. 153 e parágrafo 1.º - dos direitos e garantias individuais: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de sexo, raça trabalho, credo, religioso e convicções políticas. Será punido pela lei o preconceito de raça. Quando associamos os textos de **Gêneses 9:1 à 27** aos textos de Salmos:

- a) **Salmos 78, 51** – diz que: Feriu todo primogênito no Egito, primícias da força, deles nas tendas de Cão.”
- b) **Salmos 105, 23.27** – diz que: “Então Israel entrou no Egito, e Jacó peregrinou na terra de Cão”. “os quais executaram entre eles os seus sinais e prodígios na terra de Cão.
- c) **Salmos 106, 22** – Diz que: “Maravilhas na terra de Cão, coisas tremendas junto ao mar vermelho”.

Ainda que não se faça uma leitura racional e lógica do mito de Cam e sim religiosa, não é possível justificar a escravidão de povos negros por ele, tendo e vista que por um lado, Deus abençoa os três filhos de Noé e lhes faz a mesma promessa de fecundidade e multiplicação. Gêneses 9:1, diz: abençoou Deus a Noé e os seus filhos, e disse-lhes: frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra. Assim, como o mito de Cam já era conhecido pelas tradições orais de Israel, e se o interpretarmos no contexto do fim do Reino de Judá com a invasão e destruição de Jerusalém por Nabucodonosor em 589 A.C., e na contemporaneidade no sistema capitalista, nos conflitos do Oriente Médio, 1970 / 1985 entre, Israel e os Palestinos, conclusões poderão ser completamente diferentes daquelas postas pela tradição fundamentalista, eurocêntrica. No contexto do exílio da babilônia, a “Maldição contra Cam” diz muito mais respeito ao conflito político – econômico internacional, que Judá vive com as potências da época, como a elite dominante de Judá preferiu fechar acordos com o Egito e não com a Babilônia, Nabucodonosor destruiu Jerusalém e desportou aquele mesmo grupo para o seu país, sem que o Egito reagisse e ajudasse Judá contra os Babilônios. Assim, explica o dicionário enciclopédico da Bíblia, sob a redação de A. Van Den Born, e seus colaboradores, uma tradução da 3ª Edição Holandesa.

Born (1977, pag. 228) diz que,

Cam (Hebr. **Hâm**; sentido desconhecido; talvez “o quente”) é nas genealogias Bíblicas (Gên. 5,32; 6, 10; 7,13; 1 Crôn 1,5) filho de Noé. Na geografia Bíblica (Gên 10, 6-20) a denominação **Cam** abrange os povos da África do Norte, da Arábia do Sul e (cf. 1 Crôn. 4,40) os povos Cananeus; em Sl 78,51; 105, 23-27, 106, 22 o **Egito é chamado Cam**. Na narrativa anedótica de Gên. 9, 20-27, **a maldição de Canaã (Pelos Israelitas)** que só tinha razão de ser depois que os israelitas se estabeleceram em Canaã, tornou-se uma maldição de Cam; ancestral de Canaã, por Noé.

Como diz as referências Bíblicas, o tempo e a cidade de Jerusalém, símbolos da identidade nacional estavam destruídos, já não havia um Rei que orientasse o que fazer, de modo que Judá estava nua perante o mundo, sem que seus aliados do Egito viessem a seu socorro, apenas visualizando a nudez Judaica.

A reação não poderia ser outra senão a maldição contra o descendente mítico de Cam – Egito – de que se tornasse escravo dos outros povos. Nesse sentido, o grupo de desportados para Babilônia se vale de seus arquétipos e narrativas mais antigas da origem dos povos para justificar o rompimento dos laços de irmandade que os unia aos egípcios.

Hoje, como no período do ensino religioso na Escola Polivalente de Castro Alves-Bahia (1970/1985) assim como os exilados na babilônia, também podemos estabelecer o discurso da ética protestante, que fez e faz a releitura da “maldição de Cam” que legitimava e legitima o Estado Civil-Militar em associar educação e produção capitalista pelos Afro-descendentes nas Escolas Polivalentes, bem como levantamos questionamentos sobre a lógica do mesmo, com intuito de construirmos outras leituras que sejam libertadoras e geradoras de dignidade humana. Como bem explica, Fritjof Capra, no seu livro: **O Ponto de Mutação – a ciência, a sociedade e a cultura emergente**.

Capra (1982, pags. 187, 188) diz que,

(...) O desenvolvimento da mentalidade capitalista, [do aluno (a), professor (a) da Escola Polivalente de Castro Alves-Bahia.] de acordo com uma engenhosa tese de Max Weber, esteve intimamente relacionado à ideia religiosa de uma “vocação” (ou “chamado”), que surgiu com Martinho Lutero e a reforma, em conjunto com a noção de uma obrigação moral de cumprimento do dever, por parte de cada indivíduo, nas atividades temporais. Essa ideia de uma vocação temporal projetou o comportamento religioso no mundo secular ela foi enfatizada ainda mais vigorosamente pelas seitas puritanas, que consideravam a atividade temporal e as recompensas materiais resultantes do comportamento industrial como um sinal de predestinação divina. Assim nasceu a conhecida ética do trabalho [na Escola Polivalente de Castro Alves-Bahia] protestante [da “Maldição de Cam”], na qual o trabalho árduo, diligente, abnegado, e o êxito temporal, foram equiparados à virtude. Por outro lado, os puritanos execravam todo o consumo além dos limites da frugalidade; por conseguinte, a acumulação de riqueza era sancionada, desde que cominada com uma carreira laboriosa [do profissional, negro (a), cristão (ã)]. Na teoria de Weber, esses valores e motivos religiosos forneceram a energia e o impulso emocional, essenciais para a ascensão e o rápido desenvolvimento do capitalismo [durante o regime militar, 1970/1985] (Grifos nossos).

De acordo com os grifos, e interpretando o pensamento de Fritjof Capra, no livro a Ética Protestante e o “espírito” do Capitalismo, Weber começa investigando os princípios éticos que estão na base do capitalismo constituindo o que ele denomina o seu “Espírito”. E tais princípios são encontrados na Teologia Protestante, mais especificamente na Teologia Calvinista, que no caso do Ensino Religioso na Escola Polivalente, desconstrói o Mito da

“Maldição de Cam”, com relação ao Negro (a) e legitima o Estado Civil-Militar em associar educação e produção capitalista em Castro Alves – Bahia (1970/1985).

A par da teologia, **Weber, formula sua hipótese básica de trabalho, segundo a qual a vivência espiritual da doutrina e da conduta religiosa exigida pelo protestantismo teria organizado uma maneira de agir religiosa com afinidade à maneira de agir econômica, necessária para a realização de um lucro sistemático e radical.**

Contra-pondo-se à concepção cristã medieval preservada pelo catolicismo, que exigia como requisito fundamental o desprendimento dos bens materiais deste mundo, o protestantismo valorizava o trabalho profissional como meio de salvação do homem, negro (a) ou / e branco (a).

A concepção cristã medieval católica, eurocêntrica, considerava o trabalho nos moldes capitalista uma verdadeira “maldição”, devendo desenvolver-se apenas na medida em que o homem dele necessita-se para a sua sobrevivência, não sendo aceito, sinais, como um fim em si mesmo, esta concepção cristã católica não atribuída ao trabalho nenhum grande mérito ou significado capaz de conduzir o homem à salvação individual. Para esta concepção cristã católica Romana a vocação do homem se realizava plenamente nessa contemplação, estado perfeito em que se unia divindade, separado do mundo capitalista.

No Luteranismo, contudo, o termo “vocação” passa a significar algo praticante sinônimo de “profissão”. O homem é “chamado” por Deus não apenas para que tenha uma atitude contemplativa, mas sim para cumprir de seu trabalho e de sua profissão. No calvinismo acentua-se uma valorização religiosa da atividade profissional e do trabalho; como vemos no ensino religioso das Escolas Polivalentes do Estado da Bahia; realiza-se uma recomendação ascética, contrariamente ao Católico, o calvinismo valoriza particularmente o trabalho, o espírito trabalhador, **o Calvinismo considera que somente através do trabalho e da profissão rendem-se honras e glórias a Deus**. Em consequência, o Calvinismo difunde uma ética segundo a qual o homem deve manter uma contabilidade diária de seu tempo, de maneira que não se desperdice um minuto se quer. Nesse sentido, o capitalismo seria a Cristalização objetiva destas premissas teológicas e éticas, segundo as quais o homem, em virtude de seu trabalho e da riqueza criada por esse trabalho, encontra um modo sensível e concreto de conquistar sua salvação individual. Essa mentalidade acabou configurando a tipologia do empresário moderno, do homem com “iniciativa”, que acumula capital não para seu próprio desfrute, mas sim para criar mais riqueza, uma meta das Escolas Polivalente para os afro-brasileiros, conseguindo o enriquecimento da nação e o bem estar geral. Assim, na Escola Estadual Polivalente de Castro Alves-BA, as noções de “negócio”, de “empresa”, de

“profissão”, de “ofício” estão delineadas com base nessa ética protestante, preferencialmente Calvinista, discurso da ética protestante no Ensino Religioso da Escola Polivalente de Castro Alves – Bahia, que desconstrói a “maldição de Cam”, ideologicamente, e legitimava o Estado-Militar em associar educação e produção capitalista (1970/1985).

Segundo a interpretação de Weber o objetivo do capitalismo é sempre em todo lugar, aumentar a riqueza alcançada, aumentar o capital.

Esse processo de enriquecimento constitui uma indicação segura de que se está “predestinado”.

E é justamente nesse ponto que é possível observar, de acordo com a concepção de Weber, as estreitas relações existentes entre aspirações religiosas do Calvinismo e as aspirações capitalistas da Escola Polivalente de Castro Alves – Bahia (1970 / 1985).

E isto diz respeito ao reconhecimento da negritude como um ponto de vista necessário e importante para a leitura dos textos bíblicos no ensino religioso da Escola Polivalente, tendo em vista que sua interpretação não pode ser desvinculada das condições concretas de vida das pessoas negras ou apenas como projeto de salvação de almas ou promessa de vida diferente e mais feliz numa dimensão espiritual. Se há um mundo diferente de respeito às diferenças e de dignidade humana para todas as pessoas, ele deve ser construído e experimentado na dimensão material da vida, superando o estado de segregação, escravização e de morte que os povos negros vivem atualmente. **A interpretação tradicional tendeu-se a considerar Cam, que nascido branco e teria se tornado negro por causa da maldição proferida por Noé. A pele negra e a condição de escravidão seria, então, sinais da maldição expressão por aquele patriarca a que toda pessoa negra deve carregar por toda vida, como resultado do pecado de seu ancestral mais distante.** Contudo, a interpretação libertadora e popular da Bíblia no discurso da Ética protestante na Escola Polivalente, através da releitura da “Maldição de Cam”, redescobriu um sinal de libertação e de resistência negra.

4. ESCOLA POLIVALENTE DE CASTRO ALVES-BA: UMA PROPOSTA CURRICULAR DE ENSINO RELIGIOSO E DE “ESPÍRITO” CAPITALISTA.

No início do século XVIII, o donatário, João Evangelista de Castro Tanajura, incumbiu o Capitão–Mor, Antonio Brandão Pereira Marinho Falcão, de iniciar a colonização em terras desmembradas da Sesmaria de Aporã, segundo as notas Históricas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 1983, de acordo com a Lei Nº 5.878, de 11 de Maio de 1973.

Antonio Brandão estabeleceu-se próximo á nascente do Rio Jaguaribe e á estrada das boiadas, por onde passavam os rebanhos vindos de Minas Gerais e da Bahia. Em 14 de Março de 1847, nasce **Antonio de Castro Alves**, na Fazenda Cabaceiras, perto de Curralinho, **hoje Cidade Castro Alves**, no interior da Bahia, filho do Dr. Antonio José Alves e de D. Clélia Brasília da Silva Castro. Em homenagem ao **poeta Antonio Frederico de Castro Alves**, o Município, antigo povoado de **Curralinho**, **recebe o nome Castro Alves**. Em 1895 à sede municipal obteve furos de cidade, sendo que o topônimo foi alterado para Castro Alves em 1900, pela Lei Estadual N° 360, sendo que há Historiadores que registram a alteração em consequência da Lei Estadual N° 790, de 25 de junho de 1910.

Segundo **Carvalho Júnior (2009)**, na História comparada da Escola Estadual Polivalente de Castro Alves-BA - Brasil, em sua monografia: **Política e Educação na Escola Estadual Polivalente de Castro Alves-BA, numa perspectiva histórica (1964/1974)**.

Carvalho Júnior (2009, pag. 43) diz que,

Foi o PREMEM que organizou as Escolas Polivalentes, uma cópia das Escolas Públicas existentes nos EUA, sendo também para excluídos da sociedade norte-americana. O PREMEM foi resultado de um novo acordo firmado em 13 de Maio de 1970, entre USAID/MEC, valendo lembrar, que de acordo com a Lei N° 94 de 31 de Agosto de 1970, autoriza o Prefeito Municipal, Sr. Paschoal Blumetti, e o secretario da Prefeitura Sr. Josué Sá de Souza a adquirir e doar ao Estado da Bahia um terreno, medindo 23.250m², situado a Rua da Corrida, que era propriedade da Julia da Silva Castro, Deusdete da Silva Rebouças e Waldete da Silva Rebouças e esposa. Doar ao Estado da Bahia, para construção do Ginásio Polivalente desta cidade, Castro Alves na Bahia, através da Prefeitura Municipal, no governo do Sr. Paschoal Blumetti, e depois inaugurado no Governo de Aurino Teixeira em 1972.

A tendência tecnicista em educação resulta da tentativa de aplicar na Escola Estadual Polivalente de Castro Alves-Bahia, o modelo empresarial, que se baseia na “Racionalização”, próprio do sistema de produção capitalista, e ética protestante.

Conforme Germano (1994, Pag. 183) diz que,

O tripé ideológico de sustentação da política educacional era constituído, pois, pela doutrina da segurança Nacional, pela teoria do capital humano e por correntes do pensamento cristão conservador. A este ultimo coube legitimar [no ensino religioso da Escola Polivalente de Castro Alves-Ba], num país de maioria católica, as iniciativas do Estado Militar de associar diretamente educação e produção capitalista, bem como de fornecer sustentação a toda ideologia estatal, uma vez que o nome de Deus e os princípios cristãos eram sempre invocados pelos poderosos (Grifo nosso).

As leis 5.540/68 e 5.692/71, que normatizam as Escolas Polivalentes são impostas por militares e tecnocratas. Diversos acordos, realizados desde o golpe de 1964, só se tornam

públicos em novembro de 1966, São os acordos MEC-USAID (Ministério da Educação e cultura e United States Agency for International Development), pelos quais o Brasil recebe assistência técnica e cooperação financeira para implantação da reforma através das Escolas Polivalentes no caso do Grifo, bem especificamente, da Escola Estadual Polivalente de Castro Alves-Bahia: Numa proposta curricular de ensino religioso e de discurso ético protestante.

O ensino religioso, de caráter interconfessional, com a forte influencia, do elemento negro, advindo da escravidão no Brasil, entraram na vida do brasileiro a cultura e a religiosidade luso / brasileiro / africana que tem em sua origem no Deus criador.

É ministrado na Escola Polivalente de Castro Alves-BA, amparado pelas Leis: a) Lei Nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971 – capítulo I do Ensino de 1º 2º graus, art. 7, parágrafo único. **O ensino religioso, de matrícula facultativa constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de 1º e 2º graus.** b) Lei Nº 3.375, de 31 de Janeiro de 1975, dispõe sobre o estatuto do magistério público do Estado da Bahia e dá outras providencias, capítulo II da organização do Magistério, Art. 5º, parágrafo IV – **Habilitação específica obtida em curso superior de graduação correspondente à licenciatura plena, para o ensino até o 2º Grau, ou certificado de conclusão de curso de filosofia de nível superior dos Seminários Religiosos do Brasil, desde que seus possuidores tenham registros definitivos expedidos por órgãos competentes.**

Conforme Bahia (1995, pag. 90) diz que,

(...) Como ler as citações bíblicas. As citações são assim encontradas na **Bíblia de Jerusalém – Ed. Paulinas, S. Paulo** exemplo: **Mt. 4, 1-5** isto quer dizer: **Evangelho segundo Mateus, capítulo 4, versículo de 1 a 5**. Por tanto a vírgula separa os capítulos dos versículos. O traço (-) liga os versículos intermediários, não necessitando escrever todos. Outro exemplo: **Jo. 6, 8-11; 16, 6-8** como lemos: **Evangelho Segundo João, Capítulo 6, versículos de 8 a 11 e capítulo 16, versículos de 6 a 8**. Neste exemplo, usamos o ponto e vírgula (;) que serve para separar capítulos do mesmo livro. (...).

Esta é a orientação final do **aspecto metodológico para o uso da proposta curricular do ensino religioso na Escola Polivalente de Castro Alves-Bahia, importante para a releitura da “Maldição de Cam”**: Um discurso da ética protestante, sobre a majestosa civilização de **Cush, “O negro”, filho de Cam (Nome que significa “escuro”, “escurecido” ou, mais literalmente, “queimado de sol” – indicando o estado da alma do homem, escurecida pela luz do sol), e pai de Ninrode, ou Nimroud – Bar – Cush, o líder de sua geração, neto de Cam, o filho indigno de Noé.**

Nos escritos do antigo testamento, Cush é conhecido também por Núbia e muitas vezes citado com Etiópia. Da civilização Cushita, originaram-se os egípcios, após as migrações endereçadas ao Norte do Continente Africano, vejamos o mapa conceitual dos descendentes de Cam (Gêneses 10.6-20), figura Nº 3, baseado nos escritos do historiador Flávio Josefo, Judeu que viveu entre 37 e 103 D.C.

Conforme Josefo (1990, pag. 30) diz que,

(...) Os filhos de Cão ocuparam a Síria e todos os países que estão além dos montes de Amane e do Líbano, até o Oceano, aos quais deram nomes, dos quais alguns são hoje inteiramente desconhecidos e outros, modificados de tal modo que mal se poderiam reconhecer. Somente os etíopes, dos quais Cuxe filho de um dos quatro filhos de Cão foi príncipe, conservaram o seu nome; (...) os Mizraenses vindo de Mizraim também conservaram seu nome; pois nós chamamos o Egito de Mizraim e os Egípcios, Mizraenses. (...) por causa de um dos filhos de Mizraim, de nome Leabim; direi em seguida porque lhe deram o nome de África. Canaã, quatro filho de Cão, estabeleceu-se na Judeia a que chamou com o seu nome, Canaã. Cuxe que era o mais velho dos filhos de Cão, teve seis filhos: Sebá, (...) Havilá, (...) Sabtá, (...) Raamá, (...) Sobtecá. Quanto a Ninrode, sexto filho de Cuxe, ficou entre os babilônios e tornou-se Senhor deles, como eu já o disse anteriormente.

Costuma-se associar os filhos de Cam – Cuxe, Mizraim, Pute e Canaã – aos etíopes, egípcios, líbios e Cananeus, respectivamente. Em especial, Canaã tornou-se o antepassado das tribos relacionadas em gêneses 10:15-18. O território ocupado por elas é a mesma terra prometida posteriormente a Abraão e seus descendentes, é possível que, com este detalhe é a referencia anterior à Maldição, o autor prepara seus leitores para o que virá depois, a saber, a destruição dos Cananeus e apropriação de sua terra, por Israel.

As quatro raças originaram-se dos quatro filhos de Cão. Essas por sua vez subdividiram-se depois. Povoaram as terras da África, da Arábia Oriental, da Costa Oriental do Mar Mediterrâneo, e do grande vale dos Rios Tigre e Eufrates. Não há provas para afirmar que todas as raças descendentes de Cão eram negras. As primeiras monarquias orientais eram dos descendentes de Cão, por Cuxe. Existe uma opinião que alguns dos descendentes de Noé emigraram para a China e que de lá passaram para as Américas através do estreito de Beringue e do Alasca. Alguns cientista tenham a opinião de que em algum tempo os dois continentes estiveram ligados.

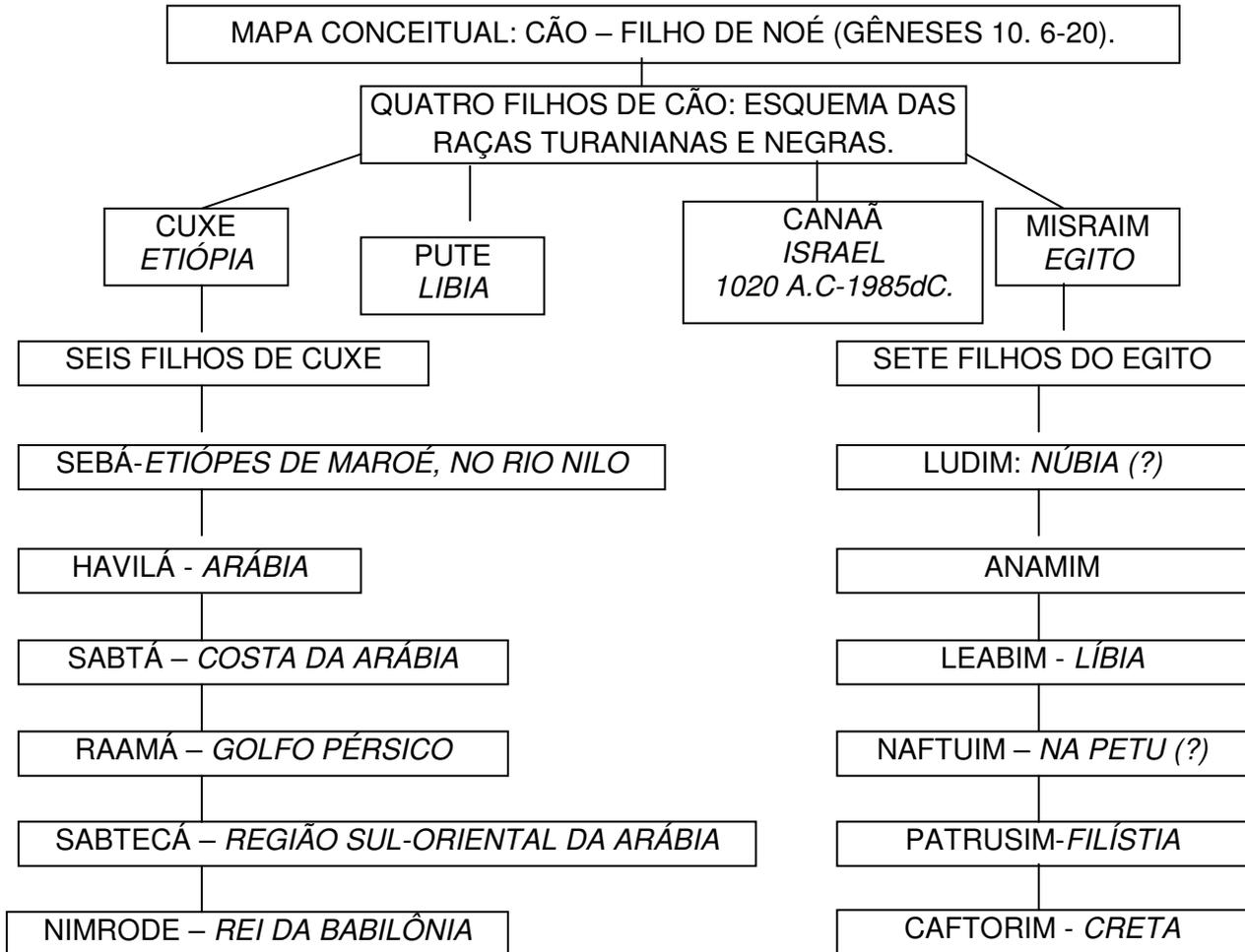


Figura Nº 3: Mapa Conceitual: Cão-filho de Noé (Gn. 10:6-20).

Fonte: Adaptado da Bíblia de Jerusalém pelo autor, Euclides A. C. Jr, 2011.

Nos tempos Bíblicos, Israel (Na época Canaã e mais tarde palestina) Foi a terra de diversas tribos hebraicas. Por volta de 1000 a.C., um Reino Hebreu estabeleceu-se firmemente em Jerusalém sob a liderança do Rei Davi. Em seguida ao Reino de Salomão, o país dividiu-se em dois Estados, Israel e Judá que foram respectivamente destruídos por Assírios e Babilônicos. Afastada por muito tempo de influências externas, a Etiópia desenvolveu uma cultura que ainda lembra os tempos Bíblicos. Uma das tradições de que os etíopes mais se orgulham é a da descendência de seus imperadores, o Rei Salomão e a Rainha de Sabá que, segundo afirmam, foi a Rainha Etíope Makeda de Aksom. O cristianismo foi introduzido por missionários coptas no século IV (I Reis 10).

I Reis 4:32; cantares de Salomão 1.1; cita Salomão como autor do ultimo livro da seção poesia, onde o casamento simbólico de Salomão (Hebreu) com a Sulamita (Rainha Etíope) figura a história e a profecia da união de Jeová com Israel e a de Cristo com a Igreja

Cristã. Provavelmente foi escrito entre 980-1000 a.C., ou no período do casamento de Salomão com a filha do Faraó (1 Reis 3.1; 9.24).

A estrutura de Gêneses 9:25-27 é uma estrofe de sete verso que é dividida em três partes pelo repetido refrão da servidão de Canaã, um filho do culpado Cão;

E disse: Maldito seja Canaã; seja servo dos servos a seus irmãos. (Versículo 25). E ajuntou: bendito seja o Senhor, Deus de Sem (Jesus Cristo); e Canaã lhe seja servo. (versículo 26). Engrateça Deus a Jafé, e habite ele nas tendas de Sem, e Canaã lhe seja servo. (versículo 27). Assim sendo, Sem seria aquele através de quem o “descendente” prometido anteriormente haveria agora de vir – Não dissera “Bendito seja o Senhor, Deus de Sem” (Gêneses 9:26)?. Ver figura nº 4, mapa conceitual: Sem-Filho de Noé (Gêneses 10.21-32).

Conforme Josefo (1990, pags 30,31) diz que,

(...) Sem, um dos outros filhos de Noé, teve cinco filhos que estenderam o seu domínio da Ásia, desde o Rio Eufrates até o Oceano Indico. De Elão (...) Assur (...) Arfaxade (...) de Arã (...) de Lude (...) Arfaxade foi pai Salá e Salá pai de Heber de cujo nome os Judeus foram chamados Hebreus (...) Pelegue, filho de Heber, teve por filho a Réu. Réu teve Serugue, Serugue teve Naor e Naor teve Terá, pai de Abraão, que assim foi o décimo desde Noé e nasceu 292 anos depois do dilúvio, pois Terá tinha 70 anos, quando teve Abraão.

Os descendentes de Sem (Gêneses 10:21-32), são relacionados até a sexta geração (seus pentanetos). Para o autor, a linhagem de Sem é a mais importante e será acompanhada até o relato da Torre de babel (11:10-32). Mateus 1:1 diz – o livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.

É importante destacar, que Jesus Cristo (**em Hebraico: Yeshua há Mashiach, 4a.C – 29d.C**) não pertencia às “Raças” Ariana ou indo-europeia descendentes de Jafé outro filho de Noé pai de 7 filhos: **Magogue (Citas e Russos), Javã (Quitim, Grego, Latinos e Franceses), Tubal (Turquia), Gomer (Alemaes, Celtas, Eslavos, Escandinavos, Anglo-Saxões, etc...) Meseque (Rússia), Mandai (Hindus, Persas), e Tiras (Bulgaria, Grécia).**

Sem foi o pai de cinco filhos que se tornaram em cinco grandes raças e numerosas tribos menores. Arfaxade foi o pai dos Caldeus que povoaram a região marginal do Golfo Pérsico. Foi progenitor de Abraão, oito gerações anteriores. Um dos descendentes de Arfaxade foi Joctã de quem vieram treze tribos (Gêneses 10.25-30) as quais ocuparam as partes Sul e Sudeste da Península Arábica.

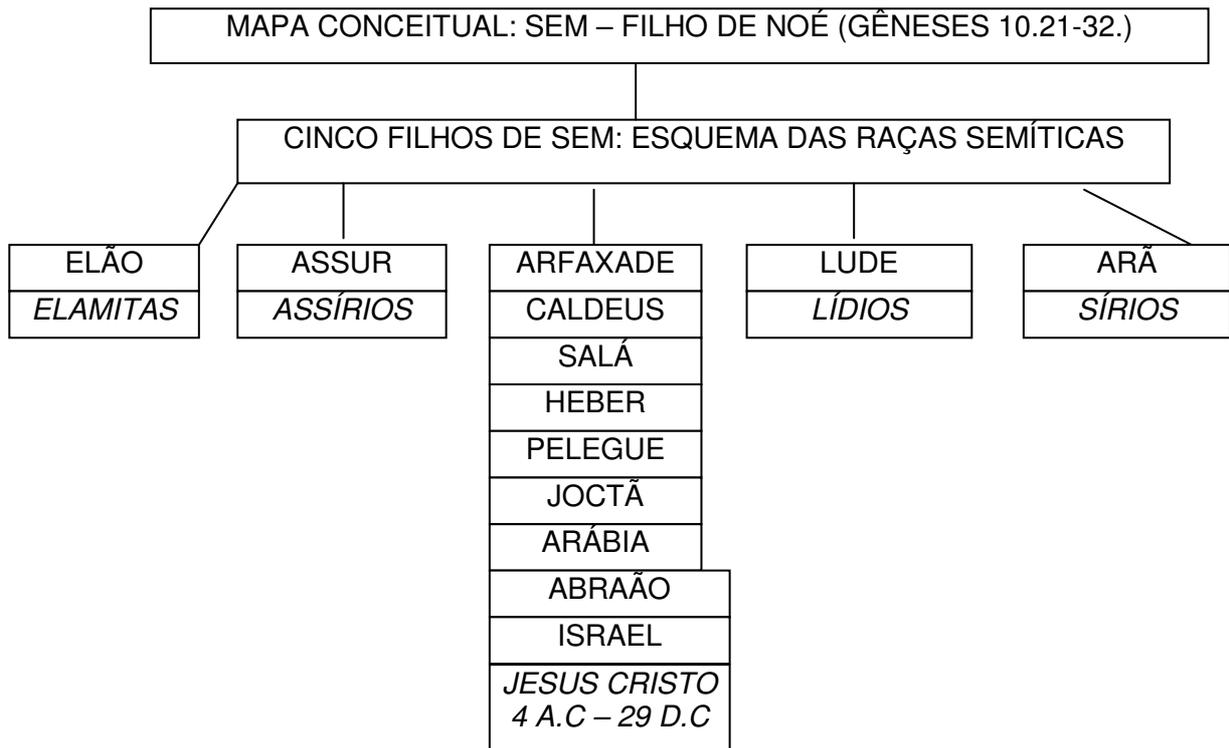


Figura Nº 4: Mapa Conceitual: Sem- filho de Noé (Gn. 10.21-32).

Fonte: Adaptado da Bíblia de Jerusalém pelo Autor, Euclides A. C. Jr., 2011.

Alguns destes nomes são mencionados na **Genealogia de Cão (Hâm)**, fato que pode indicar **Miscigenação entre as Raças Semíticas e Negras (Hamitas)**. Noé viveu até ao tempo de Abraão. Sem chegou a alcançar o tempo de Isaque e Jacó, filho e neto de Abraão.

Esses fatos demonstram a maneira pela qual os conhecimentos históricos do principio da raça foram comunicados às gerações posteriores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interconexão entre a História e a Literatura é uma questão de ponta na interpretação da Nova História Cultural, e de grande serventia para discussão teórico/metodológica na abordagem literária da história (1970/1985). **NECROMANCIA “A MALDIÇÃO DE CANAÃ” MITO DA HIERARQUIA RACIAL NO ENSINO RELIGIOSO: ESCOLA POLIVALENTE DE CASTRO ALVES (1970/1985). CONCLUSÕES:**

1º Necromancia, foi e é a maldição de Canaã, fruto de uma teologia espírita Cananeia/Egípcia e do mistério babilônico em Roma, o Mito está na hierarquia racial com relação ao Negro(a), na sociedade legitimando a divisão de classes, pobres (negros) ricos (brancos), sendo o negro escravo, por causa de uma maldição, sua “cor”.

2º Fato Histórico: (...) Puseram as armas de Saul no templo de seu deus, e sua cabeça afixaram na casa de **Dagom**. (...) Assim, morreu Saul por causa da sua transgressão cometida contra o Senhor, por causa da palavra do Senhor, que ele não guardara; e também porque interrogara e consultara uma **Necromante** e não ao Senhor, que, por isso, o matou e transferiu o Reino a Davi, Filho de Jessé. (Bíblia de Genebra: 1 Crônicas 10:10; 13-14). **É facilmente discernível que é uma questão religiosa mais do que racista.**

3º Apesar da Bíblia de Jerusalém ser uma tradução do Hebraico, Grego e Aramaico, as suas notas extensivas se inclinam definitivamente para o Catolicismo Romano e seus mitos, configurando-se enquanto uma linguagem pretensamente “neutra”, “objetiva”, cientificista e de elaboração de enredo de modo trágico para a raça negra a partir de Cam/Canaã, levando a acreditarmos que o negro é inferior em virtude de uma “maldição” e por causa de sua “cor” não relatando as práticas imorais e idolatras dos Cananeus (Gn. 15: 16, Dt 18.14), o desprezo e rebelião em Canaã, através da Necromancia, provocou uma degeneração moral profunda que resultou no julgamento divino.

4º Segundo a Bíblia de Genebra, Canaã era um Caucasiano (de cor clara), não há fundamento para o ponto de vista racista de que os povos africanos são amaldiçoados, em virtude da sua cor.

5º A reforma protestante do século XVI trouxe libertação da teologia na Necromancia dragoniana independente da “raça” negra ou branca, na pirâmide social dos Afro-Brasileiros.

REFERÊNCIAS

ADEYEMO, Tokunboh. **Comentário Bíblico Africano** – São Paul: Mundo Cristão. 2010.

ALVES, Castro. **Os Escravos** Ed. Martin Claret, 2007.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Edições Paulinas, 1985.

BÍBLIA. **Bíblia de estudo de Genebra**. São Paulo e Barueri, cultura cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BOSI, Alfredo, **Dialética da Colonização** / São Paulo: Companhia das letras, 1992.

BAHIA, Secretaria da Educação e Cultura. Departamento de Ensino. **Diretrizes Curriculares para o Ensino Religioso**. – Salvador: 1995.

BAHIA, **Legislação Básica do Magistério Público Estadual Fundamental e Médio**. Salvador: Secretaria de Educação 1998.

BORN, A. Van Den. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Editora Vozes LTDA. São Paulo. 1977.

BORGES, Andréa Jaqueira da Silva. **Manual para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso**. Cruz das Almas, BA: FAMAM 2009. 30p.

CAMARA, Nelson. **Escravidão Nunca Mais! Um tributo a Luiz Gama**. – São Paulo Ed. Lettera. Doc, 2009.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. Ed. Cultrix. São Paulo, 1982.

CARVALHO JUNIOR, Euclides Alves de. **Política e Educação na Escola Estadual Polivalente de Castro Alves-BA: Numa perspectiva Histórica (1964/1974)** Cruz das Almas, Ba, 2009 (Monografia).

ELLIS, Ralph. **As Chaves de Salomão: O Falcão de Sabá: A redescoberta das tumbas do Rei Davi, do Rei Salomão, de Hiram Habif e da Rainha de Sabá** / Tradução Ana Carolina. – São Paulo: Madras, 2004.

FERNANDES, Francisco, 1900-1965. **Dicionário Brasileiro Globo** – São Paulo Globo, 1999.

HARRIS, R. Laird. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento** – São Paulo: Vida Nova, 1998.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na Sala de Aula: Visita à História Contemporânea** – 2ed. rev. São Paulo: Selo Negro, 2008.

GERMANO, José Willington. **Estado Militar e Educação no Brasil** – São Paulo: Cortez, 1994.

GOFF, Jacques le. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

JOSEFO, Flavio. **Historia dos Hebreus**. Tradução de Vicente Pedroso. V. 1 e 2. Rio de Janeiro. CPAD, 1990.

MAGNOLI, Demétrio. **Uma Gota de Sangue: História do Pensamento Racial** / São Paulo: contexto, 2009.

MACEDO, Bispo, 1945 – **Orixás, Caboclos e guias: deuses ou demônios?** Rio de Janeiro, 2000.

NINA RODRIGUES, Raymundo, 1862-1906. **Os Africanos no Brasil** / São Paulo: Madras, 2008.

PIRES, José Maria. **Revista de Cultura Afro-brasileira – Candomblés 1**: Editora Minuano, 2011 (www.edminuano.com.br).

REIS, João José. **Domingos Sodré, um Sacerdote Africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX** – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. Editora Martin Claret, 2006.

_____ **Ciência e Política – Duas Vocações**. Editora Martin Claret LTDA, 2001.

APÊNDICES

FACULDADE MARIA MILZA

PÓS-GRADUAÇÃO - HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, AFRICANA E INDÍGENA.

DOCUMENTO

ENTREVISTA AO HISTORIADOR EUCLIDES ALVES DE CARVALHO JÚNIOR

14 de junho de 2011

Gamaliel Brito Santana, formado em magistério nível médio, graduado em *Geografia e Pós-graduando em Educação EAD*, 43 anos, ex aluno da escola Polivalente de Castro Alves no período de 1981 a 1986.

Estudei na Escola Polivalente de Castro Alves no período de 1981 a 1986. A Diretora na época era a Senhora Maria da Conceição Ribeiro conhecida popularmente como "Babia". Minha professora de ensino religioso foi a irmã Penha ex-freira católica.

Não conheci nenhum currículo de ensino religioso com indicações bíblicas. O ensino era voltado para a catequese ligado ao catolicismo, muitos alunos evangélicos eram liberados das aulas outros assistiam, mas não gostavam.

As duas [A Diretora e a Professora de Ensino Religioso] eram voltadas para atender aos interesses do catolicismo: rezava-se o Pai Nosso, a Ave Maria e se falava muito sobre o papa. Lembro de como a irmã Penha falava sobre o encontro do Vaticano II e dos irmãos separados que eram os evangélicos, ela também falava muito de ecumenismo.

Conheço [O Mito Racial, conhecido como Mito de Cam]. Fiquei conhecendo lendo livros e debates na Igreja, na verdade o mito de Cam é uma má interpretação da Bíblia, os europeus colonizadores na sua maioria católicos, disseram baseados

nos versos da História da maldição que Noé fez para o seu Neto Canaã, que os negros estavam amaldiçoados a serem escravos. Mas a verdadeira interpretação não é essa, é aquela que se entende em referencia ao território que seria ocupado pelo povo de Israel, mas que Canaã ocupou ilegalmente, pois o espaço territorial que lhe estava destinado seria a África e não, a parte a qual ele ocupou.

O Anti-semitismo é tudo aquilo que é contra os Judeus [Negros] toda a forma de preconceito e perseguição contra os Judeus [negros].

O racismo, intolerância e o preconceito são formas de violência contra alguém ou um povo no caso foi o que os Judeus, Cristãos, Negros e Ciganos sofreram e ainda sofrem do longo de suas Histórias.

De forma nenhuma a Bíblia condena pessoas negras, pelo contrário a muita informação relevante sobre negros na Bíblia. Na História Bíblica os negros tiveram papel importantíssimo, muitos povos africanos como egípcios, etíopes são citados como civilizações prósperas e sábias.

Um dos maiores líderes do povo de Israel, o povo da Bíblia, Moisés, foi educado em toda a sabedoria do Egito, teve uma esposa Cuxita = no original negra, e isso influenciou muito sua liderança e na formação do povo escolhido de Deus Israel.

Porque aqueles que interpretaram o mito de Cam se encarregaram de impregnar nas mentes e na doutrina que sua interpretação era verdadeira.

Também a falta do estudo criterioso da Bíblia, o preconceito contra a Bíblia achando alguns que ela é um livro europeu e não é, pelo contrario, é um livro que foi escrito na África, Oriente Médio e Ásia; tudo isso impede que vejamos a presença negra na Bíblia.

O que eu sei é que o grande líder Moisés tomou para si uma mulher Cuxita = negra, provavelmente ela era da Etiópia, ou da Líbia, alguns ainda afirmam que ela seria do Sudão.

No episódio de Jeremias um profeta de Deus que pregou contra os erros dos monarcas e do povo de Israel, ele foi ajudado por um etíope = negro que o retirou de uma cisterna ou calabouço livrando-o da morte.

O outro negro Bíblico é o eunuco da Rainha de Candace da Etiópia que vinha sempre a Jerusalém para adoração e ao ouvir a pregação do evangelho se tornou Cristão.

O Ensino Religioso na Escola Polivalente de Castro Alves, construiu muito pouco para mim, não ajudou muito não em desconstruir o preconceito racial, talvez faltou algo sobre isso. Preconceitos há em todos os segmentos, até mesmo nos movimentos negros, candomblés e no protestantismo, mas afirmar que ele o protestantismo é racista, isso não, pelo contrário é o grupo cristão que mais divulgou a liberdade religiosa e de expressão e defendeu a democracia.

Durante o Ensino Religioso da Escola Polivalente de Castro Alves, nunca ouvi nem vi nenhuma referência aos conflitos Árabe-Israelense. Mas o conhecimento bíblico e seu estudo sério e teológico fornecem uma compreensão da origem desses povos que hoje vivem em conflito os árabes [Negros] e os Judeus [Negros] = Israelenses [Negros]. Com o estudo da Bíblia você pode diferenciar quem é quem e posicionar-se diante do conflito em questão.

No mais agradeço pelo confiança que me foi dada em responder essas questões tão relevantes e necessárias no mundo moderno.



Gamaliel Brito Santana

ANEXOS

CONTEÚDO	COMO TRABALHAR (AÇÕES E/OU ATIVIDADES)	INDICAÇÕES BÍBLICAS
<p>1 - Deus criou o homem e a mulher como família para formarem a primeira comunidade.</p>	<p>1 - Conversa informal sobre a inclinação natural que o homem e a mulher têm para viverem juntos. (exemplos práticos, a partir da família de cada aluno).</p> <p>- Leitura bíblica para interpretar a História da Criação do Homem e da Mulher. "não é bom que o homem viva só..."</p> <p>- Pesquisa sobre a formação dos povos antigos como um fato universal, ressaltando o Povo Hebreu - Povo eleito de Deus.</p> <p>- Conclusão das pesquisas realizadas pelos alunos, após a apresentação individual ou grupal que poderá ser feita através de um esquema, cartaz, relato oral ou escrito etc.</p> <p>- Entrevistas planejadas com pessoas da comunidade ou das igrejas para melhor entendimento, por parte dos alunos, do Projeto de Deus, ao criar os seres humanos - O homem e a mulher. (inúmeras atividades poderão ser desenvolvidas sobre o tema proposto, a depender da criatividade e da experiência do professor).</p>	<p>- Livro do Gênesis (2, 18ss; 4, 1-2; 12; 13; 15)</p>
<p>2 - Na comunidade, o homem realiza o seu anseio de convivência e de fraternidade.</p>	<p>2 - Fazer leitura comentada de textos, previamente selecionados, que possam esclarecer os alunos a respeito do homem que vive isolado e dos que vivem em sociedade.</p>	<p>- Livro de Jó (1, 3; 6; 13; 14; 19; 20)</p>

Fig 1. Texto da prática do ensino religioso 6ª série da Escola Polivalente.

Fonte: Sec Bahia – Diretrizes para o ensino religioso, pag. 58 – Governo do Estado da Bahia

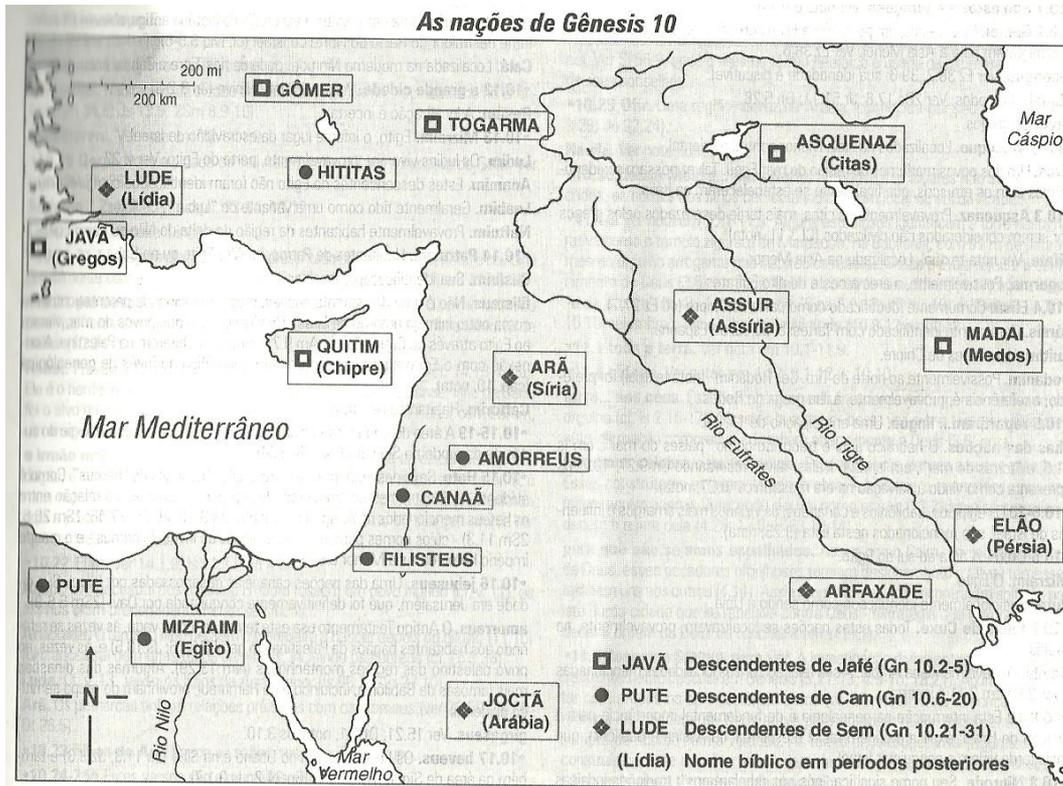


Fig 2. Mapa das Nações Descendentes dos Filhos de Noé.

Fonte: Bíblia de Genebra

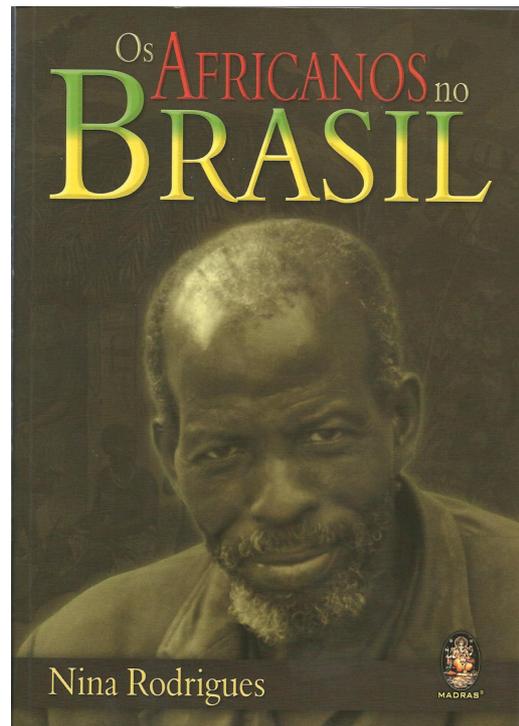
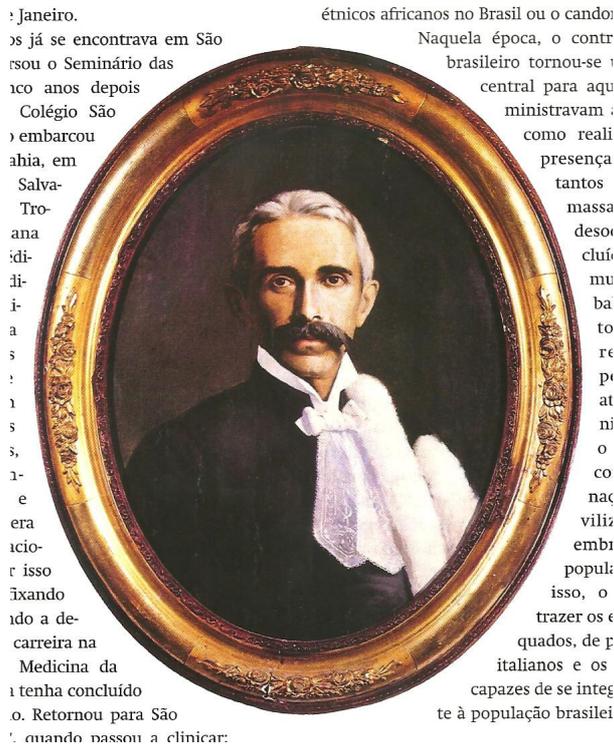


Fig 3. Doutor Raimundo Nina Rodrigues, pai da medicina legal no Brasil, Autor do livro: Os africanos no Brasil (capa do livro à direita) de Ascendência Judia Sefaradita, foi Ogã do Terreiro do Cantois pesquisou a prática da Necromancia, nos candomblés da Bahia.

Fonte: Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 6 / Nº 72, pag. 69 / Setembro de 2011.

g) Os dois primeiros vv. são a introdução javista ao quadro dos povos do capítulo 10 segundo a mesma fonte. Os nomes e a ordem dos filhos de Noé — Sem, Cam e Jafé — estão fixados na tradição (cf. 5,32; 6,10; 7,13; 10,1). O inciso “Cam é o pai de Canaã”, no v. 18, prepara a narrativa dos vv. 20-27.
 h) Cam não será mais mencionado e Canaã será objeto da maldição dos vv. 25-27; ele deve, pois, ser culpado. Seu nome figurava, sozinho, na narrativa primitiva colhida pelo Javista, e ele era o mais jovem dos três filhos de Noé (v. 24), cuja ordem era, portanto, segundo esta tradição: Sem Jafé e Canaã.
 i) As bênçãos e as maldições dos Patriarcas (cf. caps. 27 e 49) são palavras eficazes que atingem um chefe

de linhagem e se realizam em seus descendentes: a raça de Canaã será submetida a Sem, ancestral de Abraão e dos israelitas, colocados sob a proteção especial de Iahweh, e a Jafé, cujos descendentes prosperarão à custa de Sem. A situação histórica seria a do reinado de Saul e do começo do reinado de Davi, ocasião em que israelitas e filisteus dominavam sobre Canaã, e os filisteus tinham invadido uma parte do território de Israel. Muitos dos Padres viram aqui o anúncio da entrada dos gentios (Jafé) para a comunidade cristã saída dos hebreus (Sem).

j) O hebraico faz um jogo de palavras entre *Yafet* e *yafit*, “que ele dilate”.

l) Retoma-se a fonte sacerdotal.

m) Na forma de genealogias, este capítulo fornece um quadro dos povos, agrupados menos segundo suas afinidades étnicas do que segundo seus relacionamentos históricos e geográficos: os filhos de Jafé povoam a Asia Menor e as ilhas do Mediterrâneo; os filhos de Cam, os países do Sul: Egito, Etiópia, Arábia, e Canaã lhes é ligado em lembrança da dominação egípcia sobre esta região; entre esses dois grupos estão os filhos de Sem: elamitas, assírios, arameus e os ancestrais dos hebreus. O quadro é sacerdotal, com elementos javistas (vv. 18-19,21,24-30) que nele inserem algumas modificações. Resumindo os conhecimentos sobre o

Fig 4. Fragmento do texto: Notas explicativas sobre a “Maldição de Cam” da Bíblia Católica de Jerusalém.

Fonte: Pág. 43 e 44 da Bíblia de Jerusalém, edições paulinas, edição de 1973.

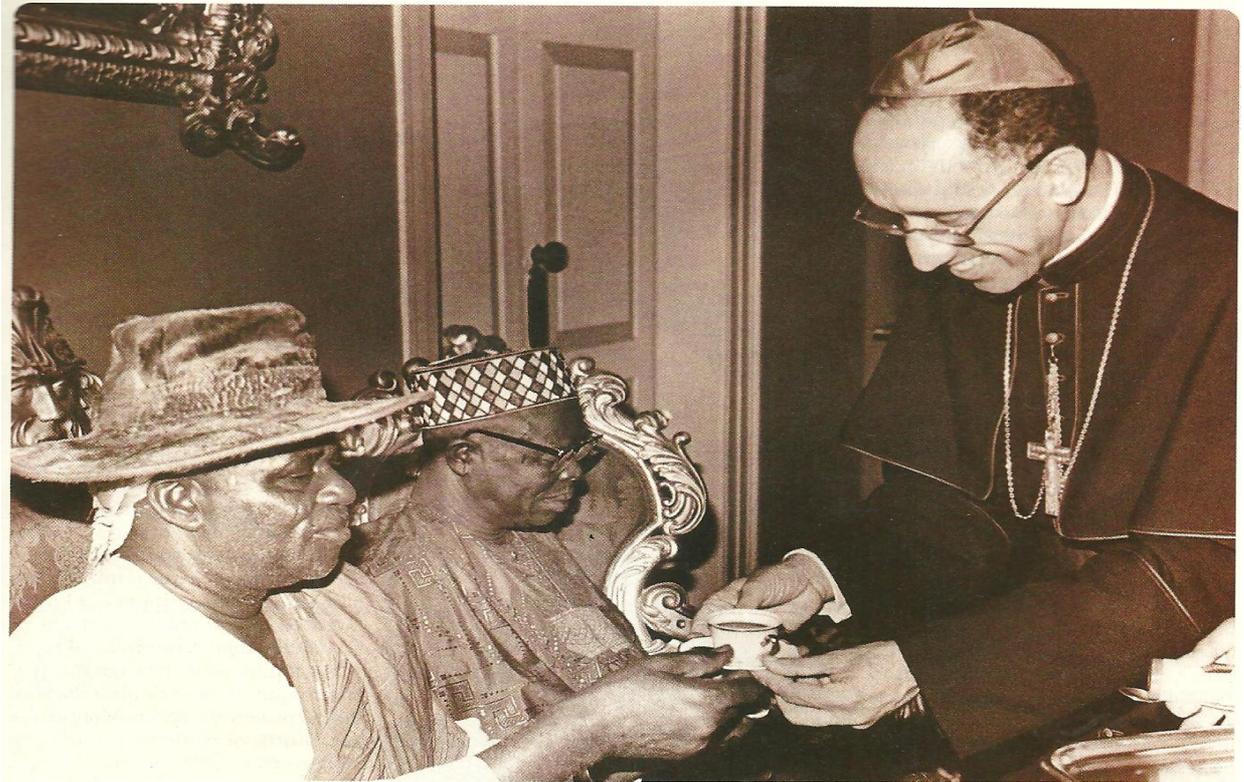


Fig 5. Da esquerda para a direita: Dahgbo Hounon, descendente direto do orixá Oxóssi, linhagem de 5 mil anos, que viu nascer os símbolos e os signos das divindades africanas, Adê Tutu, o Rei da Nacao Ketu, vindo do Benin (Ramo do Candomblé originário da Africa Ocidental, associada a cultura Ioruba, o cardeal Dom Lucas M. Neves que se curva e serve um cafezinho a Oxosse, ao lado, o Reio da Nação Ketu.

Fonte: Pag 15, da revista Carta Capital, 12/06/2002. Salvador – BA.



Fig. 7 – Grupo de oito figuras do culto jeje-iorubano (Na enumeração adotada no texto,

Fig 6. Grupo de oito figuras do culto Jeje – Iorubano dos orixás ou voduns, tomadas das práticas de feiticeiros e Necromantes – as peças esculpidas das figuras não são representação direta dos orixás e sim dos sacerdotes deles possuídos a revelar na atitude e nos gestos.

Fonte: Pag. 154 do livro: “Os Africanos no Brasil” de Nina Rodrigues, Edição 2008 da Madra Editora, conforme novo acordo ortográfico .